

Director (interino)
e Proprietário:
Jerónimo Pinteus de Sousa.
Editor:
Francisco Amaral Duarte.
Redactor principal:
Mário de Meneses Santos.
Redacção e Administração
(Provisórias)
Rua da Misericórdia, 14—Lisboa
Composição e Impressão na
Soc. Ind. de Imprensa — R. Luz
Soriano, 94—Lisboa

Distribuidores:
Agência Argos — R. da Assun-
ção, 42, 2.º, Lisboa — Tel. 20925



RISO mundial

SIM, eu sei lá como será possível conseguir uma meia duzia de linhas para estes rapazes tão «simpáticos» de «Riso Mundial».

Eu disse «simpáticos»? Aqui está uma palavra que me escapou sem querer, pela força do hábito e que, afinal de contas não vem mesmo nada a propósito.

Como posso eu considerar «simpáticos» estes «tratantes» que nem sequer me deixaram acabar de jantar tranquilamente por causa de um artigo para o jornal que tinha por força de sair a uma quinta-feira... «Tratantes» também me parece forte demais...

Não há, de facto, motivo para os ofender porque eles, no fundo, foram amáveis para comigo...

Eu tenho este terrível defeito dos exageros que ainda não de arranjar-me, pela vida fora, uma série de sarilhos intermináveis...

O certo é que estou aqui, numa casa muito grande, com muitas máquinas, com dezenas e dezenas de «caixinhas» cheias de letras que uns senhores em mangas de camisa vão alinhando para depois serem estampadas nos jornais. Há barulho por todos os lados! E foi para aqui que os tais «cavalheiros» de «O Riso Mundial» me trouxeram de «taxi» dispostos a arrancarem-me uns «linguados» de papel com qualquer coisa digna de figurar numa primeira página!... Naturalmente estão convencidos que vou escrever umas «gracinhas»... Estão redondamente enganados os «simpáticos tratantes»! (agora meti as duas palavras de enfiada para não perder mais tempo com explicações acerca dos meus exageros).

Mas, afinal de contas, ainda não disse nada de jeito... gastei tinta, papel, tempo e... três vezes nove, vinte e sete...

E isto já vem de trás, embora julguem que não! Primeiro, apareceu-me na emissora, um rapaz com um bigode ligeiramente mais emburrado do que

EU SEI LÁ O QUE HEI-DE ESCREVER!

o meu e que se apresentou como caricaturista incumbido de me reproduzir a «fachada»... E os trabalhos começaram... Lá tive que me sentar com a preocupação naturalíssima de «ficar bem»...

Por que é que estão a rir? Naturalmente quando vão tirar o retratinho procuram ficar mal, não? Ora deixem-se disso! Acima de tudo a sinceridade. Depois de muitos minutos de «pose» (eu até já me sentia modelo do «Collier's») lá se acabou a caricatura que — diga-se de passagem — não me era nada favorável! Tive, apesar de tudo, que sorrir para o tal senhor amável de bigode ligeiramente mais emburrado do que o meu e disse-lhe que estava muito parecida sim senhor, muito obrigado!

Ele ficou todo vaidoso, todo inchado e desapareceu, não sem me ter recomendado mil e tantas vezes que na Redacção esperavam até hoje á tarde o tal artigo que estou agora a escrever com uma caneta azul, muito «pires» que um dos meus «alugos» me emprestou por especial deferência e que deve ter sido comprada a um chinês de bugingangas por doze mil e quinhentos! (vai por extenso para continuar a encher espaço, esse maldito espaço que muitos consideravam vital e que eu, neste momento, considero absolutamente dispensável)...

Mas... continuando: — segundo me parece os senhores redactores estão á espera de um artigo bombástico, com muita pilhéria, capaz de fazer rir as «pedrinhas da calçada» como dizia a Beatriz Costa no fado do 31... Desculpem... Do trinta e um! (Assim é um bocadinho mais comprido).

E digo que me parece que eles pensam assim porque estão ali a um cantinho a olhar para mim, enlevados com a rapidez da minha escrita, com a velocidade empolgante com

que a caneta desliza pelas folhas de papel á mistura com algumas «travagens» rápidas porque o aparo é do pior que tenho encontrado!

Afinal tudo isto se tinha resolvido com muito menos trabalho, com muito menos cansaça e com uma despesa mínima. (Só o táxi) que me foi buscar marcava ao chegar á redacção desasseis mil e quinhentos, fora a sobretaxa que acabou mas ainda se paga).

Sim... tudo isto se tinha resolvido com a tal «caricatura» que em nada me favorece e por baixo uma legenda estilo Hollywood.

Assim por exemplo:
«Eis o homem mais bonito de todos os tempos! A ultima maravilha em sex-appeal! O

jovem com mais «it» que a nossa Lisboa alberga!

Este é o «pin-up boy» da semana!»...

Mas... porque razão se riem? Porque deixaram escapar essa gargalhadinha sarcástica? Naturalmente é intuitiva, não? Ah, continuam a rir? Ah sim? Então não é preciso mais nada. O artigo (?) pode acabar mesmo aqui...

Naturalmente quieriam mais por quinze tostões!

Era o que faltava!

Já se riram, é quanto basta!

ARTUR AGOSTINHO
P. S. — Se não se riram, olhem bem para a caricatura, mas olhem com atenção...

Que culpa tenho eu de ser bonito?



— Que azar ainda não terem inventado a bicicleta!
(do «Concorde»)

PORQUE APARECEMOS... OPINIÕES

NESTE mundo, em que a vida são dois dias ou pouco mais, mas em que cada dia vale por uma série de anos, tudo caminha para tentar acabar com um dos grandes divertimentos que nada custa a quem o gosa: O RISO.

Os jornais contam-nos desastres, crimes, combates, etc., etc. Nos Cafés fala-se da situação política e nos bons negócios que já se não vão fazendo. Em casa e no barbeiro, a mulher e o «mestre escama» escanhoam-nos o juízo e a cara com o preço dos diversos artigos, das rendas das casas e outras coisas tais.

E' forçoso que se reconheça a necessidade de uma elevada dose de «boa disposição», para se aturar tudo isto e ainda se sorrir... no mundo.

Mas a verdade, é que o mundo continua a rir, quanto mais não seja com as tristezas dos que não querem sorrir...

Por isso, o nosso título «RISO MUNDIAL» está certo. Nas nossas páginas arquivaremos, para satisfação dos que precisam de reserva de humor, o trechos e as anedotas que têm feito sorrir os habitantes de todo o mundo.

Não desprezaremos os nossos humoristas, quer consagrados já pelos seus graciosos escritos, quer ainda aqueles que se têm mantido na penumbra da sua modéstia ou da impossibilidade de fazerem publicar os frutos do seu bom humor. Todos têm, nas colunas do «RISO MUNDIAL», a oportunidade de fazer rir o seu semelhante. A todos pedimos o envio de colaboração que o nosso redactor-chefe apreciará (isto não diz respeito aos humoristas de H grande) e o nosso administrador pagará.

«RISO MUNDIAL» tem um unico fim:

Criar, a rir, um amigo em cada leitor!

E agora, deixem esta apresentação sumaríssima e façam o vosso juízo da nossa falta de juízo.

A DIRECÇÃO

O NOSSO CONCURSO HA HORAS FELIZES

ESTE nosso concurso, é de uma simplicidade aflitiva, e só quem não quiser é que se não habilitará ao prémio de 1.000\$, um conto de réis, que nos tempos que vão correndo não é de desprezar.

Ora numa das nossas páginas está um numero de cinco algarismos, dos quais só dois são conhecidos.

Trata-se de tentar adivinhar os outros três e remeter o boletim, depois de preenchido, para a nossa Redacção, até domingo.

O numero completo, está num envelope, que amanhã, sexta-feira, ás 17.30 h., na

nossa redacção, será lacrado e assinado sob o lacre, pelo Director e Proprietário do «Riso Mundial» e por representantes dos leitores, que estiverem presentes ao acto.

No domingo, ás 22 horas, no mesmo local, proceder-se-á á abertura do envelope, com a presença dos mesmos individuos que sobre ele assinaram. E no próximo numero, o leitor saberá os resultados.

Se mais dum concorrente acertar, será o «bolo» dividido em partes absolutamente iguais.

Como vêem, é facilimo! Concorram ao concurso Há Horas Felizes!

DO SENHOR

SARAMAGO



O sr. Saramago não necessita de apresentação. O sr. Saramago é tão conhecido... Mas o sr. Saramago exigiu que fizéssemos uma introdução á sua entrada para as colunas de «Riso Mundial», e como ele manda... Nada, que o sr. Saramago não é para brincadeiras!

Este sr. Saramago, instituição nacional, livre de quaisquer impostos ou contribuições, é parente muito chegado do conhecido Zé Povinho, anda-lhe nas veias ainda restos de sangue mouro — exalta-se com facilidade, e quando bate, faz doer.

Como padece do fígado — e quem não padece do fígado nos dias de hoje, bebendo da água que bebemos? — é ver-rinoso, é um descontente, um insatisfeito, um insofrido... e, coitado... nem os leitores sabem o que ele tem passado nos ultimos tempos.

Mas o sr. Saramago não é homem para se deixar esmagar pelo sofrimento. Tem sempre engatilhada uma sátira para lançar contra a adversidade. Vencido, ele? Isso nunca. Depois, está em toda a parte. Mete o bedelho mesmo onde não é chamado.

Ele anda metido nos bastidores da intriga internacional, aflige-se com os problemas sociais, sofre com o problema dos transportes,

com o problema dos abastecimentos e com o problema da habitação...

E, como anda em todo o lado, como é omnisciente (que palavra tão difícil) cuidado!, o sr. Saramago aproxima-se, a passos de gigante, e vem com cara de poucos amigos. Portanto acautelem-se! E não se esqueçam: inda lhe corre nas veias resto de sangue mouro e quando ele bate faz doer.

Á ÚLTIMA HORA

ESTA é autêntica, colhida num desser paradoxais «eléctricos», fábricas de discussões e manancial de boas piadas.

O carro vai á cunha, mas com geitinho, há um lugar no estribo, conseguido — sabe Deus, á custa de quanta canelada e pontapé — por uma senhora adiposa e de meia idade.

O condutor repara e dirige-se á senhora, muito delicadamente:

— O' minha senhora, tenha paciência! Os homens ainda eu deixo que se transportem aí, mas as mulheres...

— Pela sua saude! E' para ir para o hospital...

— Ah, se é para «ir para o hospital», então está bem! Pode seguir...

E seguiu mesmo!

Mário de Meneses Santos

A nosso convite, veio chefiar a redacção do «Riso Mundial», Mário de Meneses Santos, humorista da nova geração, que em várias publicações da imprensa portuguesa, deu até hoje mostras da sua capacidade hilariante.

Julgamos com este braço direito, (por já ter partido o esquerdo dum carro eléctrico abaixo), ir ao encontro do gosto dos nossos leitores, que já conhecem o jovem jornalista e o seu optimismo característico.

A Mário de Meneses Santos, os nossos parabéns por estar entre nós e os nossos sentimentos pelos espinhos do seu difficil cargo.

O RISO À PORTUGUESA

Troca de línguas

CONFESSO que me não lembra se esta tragédia começou em Londres, em Roma ou em Paris; porém, partindo do princípio que nunca estive em qualquer destas três cidade, sou levado a concluir que começou em Lisboa!

... ..
Ele era francês, de nome Richard e de gordura disforme; ela chamava-se Mary, era inglesa e seca como um caramelo.

Conheceram-se, casualmente, num salão de chá. Foi na altura em que Richard levava á boca a sua pequena chave-na; viu-a volvendo os olhos para toda a sala, a ver se conseguia uma mesa vaga, mas todas elas estavam ocupadas por dezenas de senhoras, que já faziam conta de passarem ali o dia a conversar acerca das vizinhas, dos vestidos, etc., etc.

Com uma curvatura vertebral e um gesto simplório, convidou-a a sentar-se na sua mesa, o que ela agradeceu com um movimento de cabeça e um ligeiro sorriso.

A inglesa foi a primeira a cortar o silêncio dos dois:

— More shugar? (mais açúcar?).

O francês sorriu, sem perceber patavina. Ele era um destes parisienses que apenas sabem, e mal, um pouco da sua língua. Todavia, disse qualquer coisa bastante a despropósito, só para não ficar calado:

— Aujourd'hui il est froid! (hoje está frio!).

Mas ela era uma daquelas inglesas que só sabem o inglês, e, por isso, esboçou novo sorriso — o que é bastante agradável quando se não percebe o que se está dizendo — enquanto se entreteve, a beber, aos golos, o cházinho quente.

Richard fez sinal ao criado, que se aproximou, e falou-lhe na sua língua. O criado encolheu os ombros. Mary tentou, também, mas... mas o criado não passava dum galego vulgar, que arranha muito mal o português... e apresentou a conta prontamente.

Saíram em silêncio e, á noite, jantaram juntos; ele comeu feijão, quando queria bifés; ela, comeu pescada, quando queria presunto com ovos.

Depois foram ao cinema e riram dos bonecos; a fita era portuguesa... genuinamente portuguesa, com intérpretes estrangeiros e técnicos lá de fora.

E quando chegaram á rua, tinham absoluta certeza que se amavam apaixonadamente.

Dias depois, por intermédio duma velha inglesa, que morava á Lapa e era tradutora de Latim, nas horas vagas, puderam transmitir, um ao outro, o seu verdadeiro amor.

O certo é que um mês depois partiam para Paris, e, após pouco tempo, a Mary era apresentada á família Richard & Richard.

Todavia, era indubitável

por

Fernando dos Santos

que eles se não percebiam um ao outro, a tal ponto dela falar em teatro e ele lhe comprar um casaco de peles; ele falar-lhe do estado do tempo e ela oferecer-lhe um par de peugas. Uma verdadeira tragédia!

Ele não dormia a pensar naquele par de botas; Mary não descansava a pensar que aquele par se não entendia.

(Continua na pág 15)

Distração



J. CÂMARA PESTANA

Ela — O que farias tu se eu morresse?

Ele — O enterro filha...

to Escuro eram muito grandes e fazíamos sempre o possível por nos portarmos de modo a não sermos lá encafuados.

Ora como há para aí muito «menino», a precisar de ir para o Quarto Escuro, resolvemos criar esta secção no «Riso Mundial», onde não escapará ninguém que ande cá pela nossa terra a fazer maldades.

Hoje, por exemplo, vamos ocupar de certos «meninos» que desempenham funções importantes e nunca têm horas para receber ninguém, ou «porque não vão lá», ou porque estão em «conferência», ou «porque no momento não podem atender».

Deste mal se queixa muita gente e os «meninos» são mais numerosos que a colónia balnear infantil de «O Século».

Sucedeu há dias que um nosso amigo, necessitou de fa-

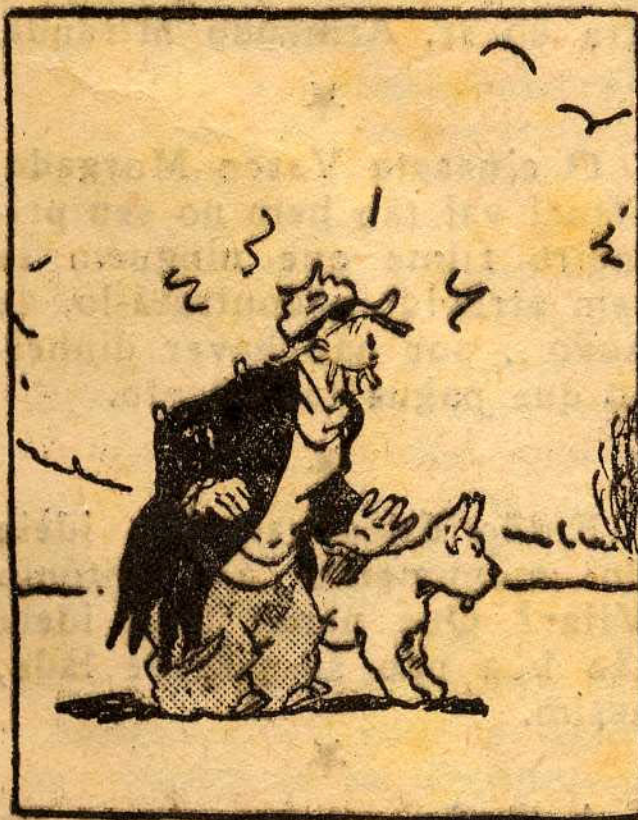
(Continua na 5.ª pág.)



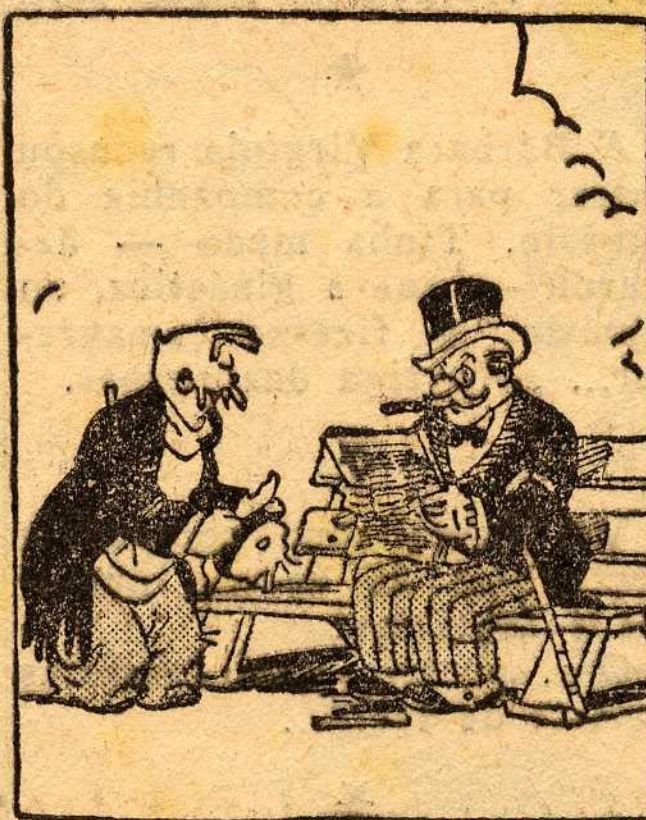
QUANDO eramos meninos e moços, e praticávamos alguma maldade, o castigo que nos davam era passarmos algumas horas num quarto ás escuras, compartimento esse, que, rezava a lenda, estava cheio de bruxas, de ratazanas, de cobras e muitas outras terríveis figuras para a nossa mente precoce.

Mas o que é certo é que o respeito e o medo pelo Quar-

UMA HISTÓRIA EM QUATRO ACTOS



Excelente! Está ali o milionário e vou falar com ele.



Estou louco por sua filha! Se V. Ex.ª o permite casei com ela.



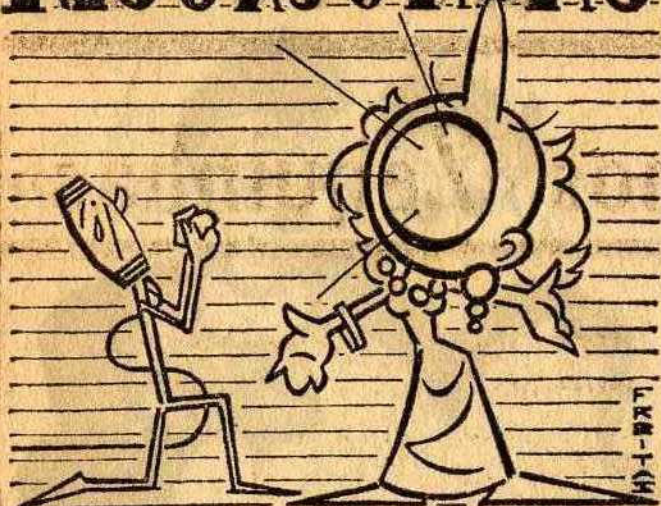
Está doido: minha filha é demasiado jovem para se casar. Vá esperando.



Bem, então podia fazer-me um pequeno adiantamento sobre o dote...

2578

RISO AS ONDAS



EM Portugal, como em toda a parte do Mundo — menos em minha casa! — todos os dias nascem crianças. Passados 6 ou 7 anos dos «bebés» terem nascido, estão em idade de ir para a escola ou para casa dos avós, aborrecê-los bem aborrecidos.

Bem! Sendo assim, os homens da Rádio, fartos de saberem que os adultos os acham insípidos, voltaram-se para as crianças, dedicando-lhes os programas infantis. Ora estes programas infantis, na nossa terra, são como os professores de instrução primária; isto é: velhos, dizendo sempre os mesmos sermões e, no final das contas, ensinando o mesmo que já ensinavam há cem anos.

Não seria curioso que se começasse a pensar em nova orientação para as «emissões dos miudos»?

E, já que estamos a falar em nova orientação, certos, contudo, de que malhamos em ferro duro, alvitramos: dêem, também, nova orientação aos «programas dos graudos» e à Rádio, na generalidade. Façam coisas novas, como novos nascem os meninos, todos os dias, em todas as partes do Mundo — menos em minha casa.

O Emissor Regional do Norte está a apresentar rubricas tão boas que, qualquer dia, seria melhor passar a sede para lá e virem para cá para baixo os de lá, que, ao menos, variam!

Os diálogos do «Zequinha e da Lélé» alcançaram, depressa, a popularidade.

E' pena que agora estejam a cair na monotonia, fazendo os intérpretes altos esforços para lhes dar valor e graça.

Agora também o maestro Pedro de Freitas Branco vai ao Brasil. Nós estamos sempre a dizer mal daquilo que é nosso, mas, afinal, os de lá ainda são piores.

Há, agora, em Lisboa, dois semanários de Rádio, mas, coisa curiosa, nem um nem outro têm por hábito dar notícias relacionadas com a Rádio. Ou melhor: lá dá-las, dão, mas tão poucas e tão escondidinhas que mal se vêem.

Desenvolvam as vossas secções de noticiário, caras camaradas da Rádio, porque o povinho interessa-se mais por elas que por artigos e crónicas, a maioria das vezes sem interesse.

Continuam adiantados os estudos da televisão. Tão adiantados, tão adiantados, que só daqui a 50 anos — segundo os bem informados — teremos esta inovação na nossa Rádio.



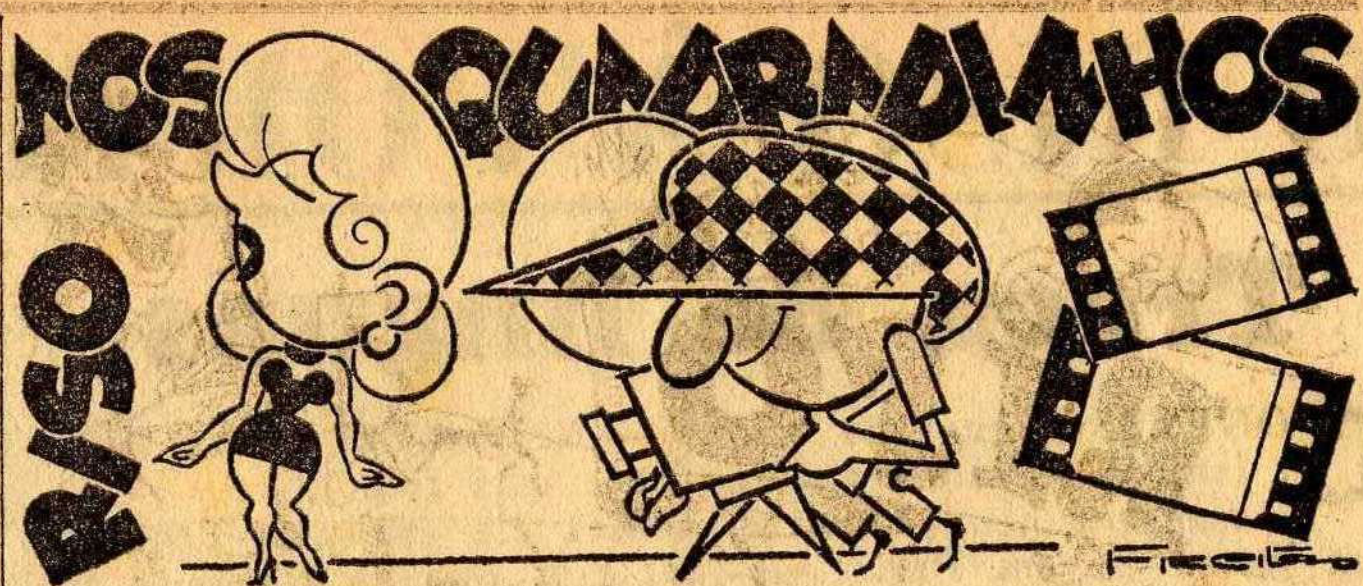
EM Lisboa, toda a gente se preocupa muito com a vida dos artistas de teatro, ou melhor, com as intrigas baratas, tecidas á mesa do «café», relacionadas com os mesmos artistas. E' uma mania como matar pulgas, caçar coelhos ou meter os dedos no nariz. Escusado será dizer que eu não tenho, absolutamente, nada que dizer das pessoas que têm qualquer dessas maquiagens, porque eu também tenho uma: beber tinta de escrever, por cima das refeições! Apenas achava curioso que as pessoas que fazem gala em discutir os amantes da actriz Fulana ou os defeitos do autor Beltrano, se preocupassem mais com a terrível situação que atravessa a classe teatral, nos meses de Verão, com os teatros encerrados.

Isto, sim! Devia ser discutido e levado até ás personalidades que pudessem resolver a situação crítica dos artistas — alguns! — nesta época!

Vamos, senhores que têm a mania de discutir a vida da gente de teatro! Pensem neste assunto.

O empresário Piero, só para arrelhar os dissidentes, voltou já da sua viagem.

E, pelos vistos, traz muitas



O cinema português atingiu a maioria! E, como os mancebos, ao atingi-la, foi «ás sortes».

Dizem que ficou esperado! Nós também continuamos á espera que a produção nacional se normalize e sistematize. Entretanto, a nossa cinematografia, enquanto espera nova inspecção, devia ir

tomando contacto com as «armas modernas», que é como quem diz, com as novas aparelhagens, e muitas são — que já são utilizadas no estrangeiro e cá ainda se desconhecem. Era bom que se apetrechassem convenientemente os estúdios portugueses que, diga-se em abono da verdade, são tão mal servidos de aparelhagem, que chega a ser milagre fazerem-se filmes neles.

Adquira-se o material necessário a um estúdio completo, para se poder, depois, sem vergonha, explorar a 7.ª Arte, que é como quem diz: explorar os capitalistas, visto não passar de exploração a fortuna que se pede pelo aluguer dos mesmos estúdios.

Eugénio Salvador foi o ensaiador do «Fado». Vamos a ver se o Salvador se salva de um «ensaio», depois da película estreada.

Henrique de Campos vai começar, muito em breve, as filmagens da película «Mouraria».

Ele está garantido porque, ao menos, á Mouraria não se atrevem a ir os credores... Há lá muitos fadistas.

Alfredo Gomes será o operador do filme «Serra Brava», que o sr. Armando Miranda vai realizar. As «Capas Negras» é que são a sombra negra do sr. Armando Miranda.

O cineasta Vasco Morgado, afinal vai tão bem no seu primeiro filme que ninguém se tem atrevido a contratá-lo, de novo... por não haver dinheiro que pague tal talento.

Então desistiram da ideia do monumento ao António Vilar? Que pena! Uma ideia tão boa não se põe de lado, assim.

A Tatão vai reaparecer, na «Serra Brava». Oxalá não lhe façam mal os ares desta «Serra».

DIAMANTINO

ideias novas do estrangeiro! Não há nada melhor para nós termos ideias do que... irmos ver as dos outros.

Está já restabelecida da sua enfermidade, a querida — que meiguice! — artista Helena Félix, que, em breve, reaparecerá.

O' Helena... felicidades!

Com o calor veio a crise teatral. Aguardamos, com ansiedade, a época fria para com ela vir a... crise teatral, que é crónica no nosso país.

A Bárbara Virgínia recusou entrar para a companhia do Ginásio. Tinha medo — declarou — que a ginástica, no Ginásio, a fizesse emagrecer... a barriga das pernas.

Vai haver uma companhia portuguesa de óperas, operetas e fantasias!

O'... pretas, que fantasias haviéis de ter?!...

O Luís Piçarra vai regressar do Brasil. Para quê? Está lá tão bem e nós também... sem ele.



O desporto desenvolve-se... ...e a nossa bolsa atrofia-se

VEM já de bem pequenino o meu entusiasmo pelas coisas desportivas. Habituei-me a ver estes espetáculos — melhor, viciei-me — e hoje não falto a qualquer um, seja de que modalidade for.

E se não perco as pugnias de interesse regional ou nacional, muito menos — claro está — deixo de comparecer às provas de carácter internacional.

Asim, não falti uma noite sequer aos campeonatos do mundo de óquei em patins. Consegui arranjar uma «assinatura» — não digo por que preço, porque tenho vergonha.

Depois, «para ver como era», fui á esgrima, no primeiro dia — e tive azar de gostar daquilo. Por isso, fui mais vezes. Devo mesmo informar o tesoureiro da organização que dos catorze bilhetes vendidos, ao todo, sete — nada menos — comprei-os eu.

Junte-se a isto as despesas já feitas anteriormente com deslocações e bilhetes para os torneios internacionais de ténis na Cruz Quebrada, e golfe, no Estoril — e compreenda-se o agravamento da minha situação financeira.

Comecei a «empenhar» algumas coisas de menos estimação e, graças a esse recurso, sempre pude presenciar o desafio de óquei em campo, com os argelinos. Mas o Portugal-Inglaterra voltou a deitar-me abaixo — e, mais uma vez, por vergonha, oculto quanto gastei, no mercado «negríssimo», para adquirir a famigerada «cabeceira».

E, de seguida, logo surgiu nova série de competições internacionais — com a agravante agora de se disputarem aos dias de semana. De modo não faltar no Lisboa-Barcelona, em andebol; ás provas hípias, com cavaleiros espanhóis, e, ultimamente, aos desafios do Vasco da Gama — tive de despedir-me do empre-

go. A minha situação torna-se, portanto, bastante mais embaraçosa. Para cumulo, também em casa o ambiente se toldou. Cheguei a casa tardíssimo umas tantas noites, e a minha mulher não acredita que os motivos da demora não foram outros se não o torneio Ibérico de basquetebol, as festas de natação internacional, em Algés, com os «Canoes» catalães, e a luta livre, no Parque Mayer.

Em suma, eis a minha situação actual: «depenado», empenhado, desempregado e mal conjugado (isto é, mal com o conjugue).

Mas sempre atrás do temporal, vem a bonança — e eu já tenho razões para esperar um futuro radioso. E' que tenho já prometido, para breve, um belo emprego. Arranjam-me para jardineiro do Estádio Nacional ou para porteiro do Pavilhão dos Desportos.

Realmente, não podia desejar melhor compensação para uma vida inteira dedicada á causa desportiva.

Êles serão «Lélés»...

mas nós não somos «Zéquinhas»

E os «moços» lá se foram, cheiños de banquetes. Mas não há duvida que os mereceram. Não jogam realmente nada mal.

Mas também não deslumbra-ram. A princípio, houve quem dissesse, com evidente exagero, que ao pé dos «Lélés» os nossos jogadores pareciam mesmo uns «Zéquinhas». Mas o Sporting repôs as coisas nos seus lugares.

Lá que jogam, jogam mesmo. Venham outra vez. Deles e de «Lourenços» é que nós precisamos cá, para nos aperfeiçoarmos. Ou então vamos nós lá, porque á «rapaziada» nem por isso desgosta muito dar a sua passeata.

Dizem que o Benfica, por exemplo, vai ao Brasil — e também dizem que é para «raptar» o Rogério. Não façam isso! Lá é que ele pode «botar... fogo». Cá, não. Encolhe-se... Vocês vão ver! Agora chamamos-lhe «Pipi» e dizemos que ele é «da corda». Mas um dia, se voltar, chamar-lhe-emos «Lélé» ou «Gégé» e diremos que «é mesmo da Fuzarca».

Mas voltemos ao Vasco e aos seus resultados: 4-3 com o misto b-S-B («b» minúsculo, o primeiro — porque do Benfica é só um); depois deram 4-1 de

«carroz... á valenciana; e, no domingo, com o Sporting, saíram «com perna de pau».

O Vasco da Gama não conseguiu dominar o vento. Como as coisas mudam! E lembrar-mo-nos que, noutr's tempos, conseguiu ir até á Índia!

Á Índia? Mas agora reparo... Por que raio não se há-de chamar a equipa visitante Clube de Regatas Pedro Alvares Cabral? Afinal quem é que descobriu o Brasil?

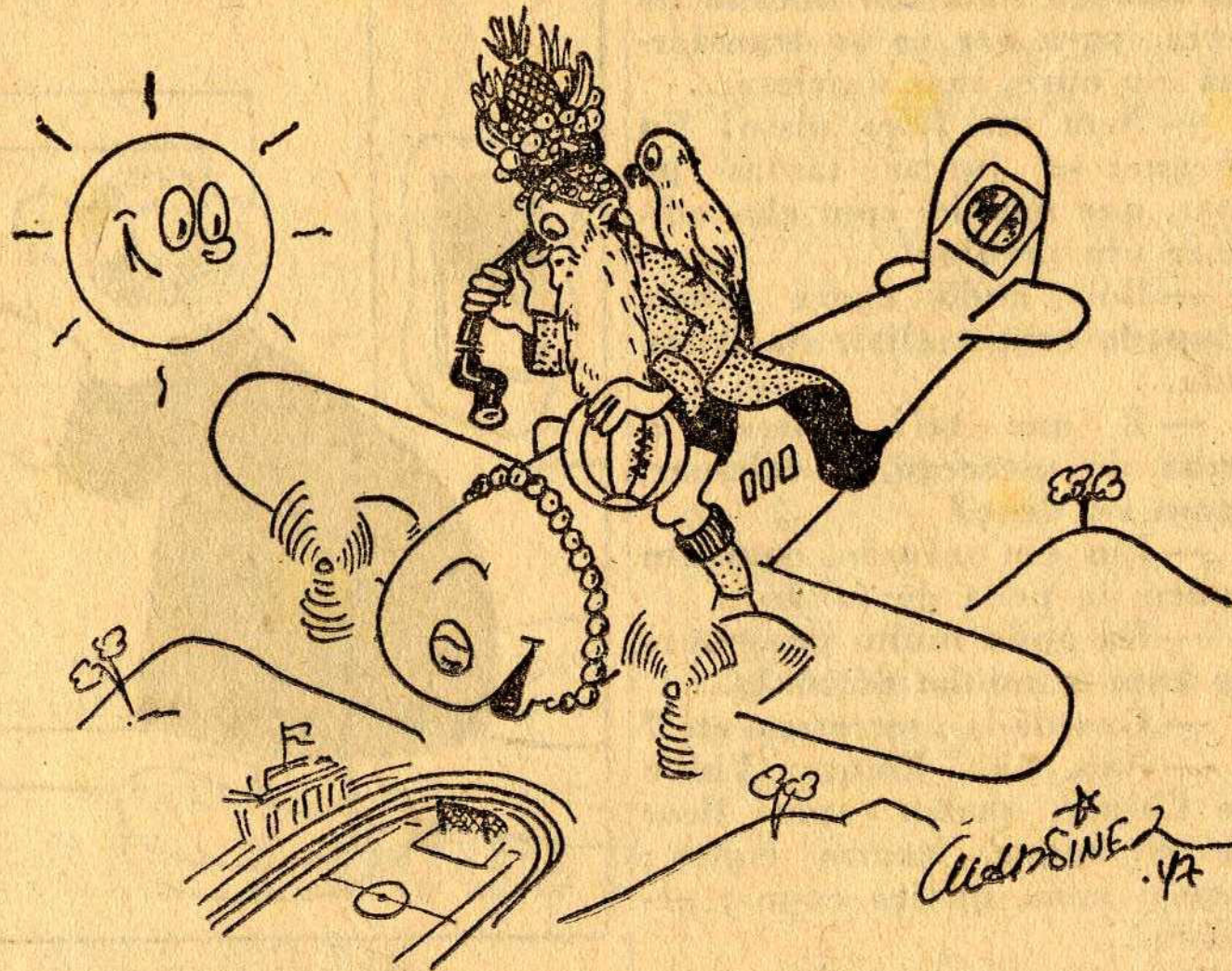
QUARTO ESCURO

(Continuação da 3.ª pág.)
lar com urgência a Sua Excelência, o sr. Ministro da Economia, tendo sido prontamente recebido, sem qualquer carta ou recomendação semelhante.

Tal exemplo, é digno de toda a nossa admiração e apreço e vem mais uma vez demonstrar que há tempo para tudo e até para receber.

Pois bem. Depois disto, nós não admitimos que qualquer senhor que use o rótulo de «pessoa de destaque», se negue a dar dois minutos de atenção, seja a quem for, e não hesitamos em citar o caso, tendo sempre em mente a bela lição de Sua Excelência, o sr. Ministro da Economia, da qual com as nossas maiores desculpas damos conhecimento público, para que muitas pessoas a fingir de importantes, vejam nela a luz, que as salvará do Quarto Escuro!

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA



Em 1947 «Vasco da Gama» descobre o caminho aéreo para o Vale do Jamor, regressando com uma bola, que lhe «ofereceu» o Sporting.

Para limpar o seu fato
Sabe o que se usa agora?
E' uma máquina nova

a Indeformável Cora

Tratamento de fatos cujo sistema mantém a conservação do tecido e do formato pelo processo de vaporização.

INDEFORMÁVEL CORA

Rua da Prata, 156, s/1

Telefone 23422

ATENÇÃO
AO NOSSO CONCURSO
«HA HORAS FELIZES»

DIÁRIO DUM TÍMIDO CASTANHOLAS

12 DE JUNHO

A CABAVA de comprar uns bonitos sapatos de Verão e, ao sair do sapataria, decidi sentar-me num «café», para que mos limpassem bem. Chamei o engraxador e o homem sentou-se a meus pés, em cima da «caixa». Daí a momentos, senti um puxão nas calças.

— O material é muito mau — disse-me.

E submergiu, de novo, no seu trabalho, sem me ligar importancia. Eu sentia-o limpar um dos sapatos e procurar distrair-se, olhando para toda a gente.

— O freguês tem os tacões muito gastos — disse ele, daí a pouco. Será melhor eu pôr uns de borracha.

— Pois a mim parece-me que devem durar ainda uma temporada — insinuei com uma voz muito doce.

— E' impossível! Estão muito gastos — concluiu, dum maneira convincente.

Tirou uns tacões de borracha e começou a martelá-los nas solas dos meus sapatos novos. Entristeceu-me ver aqueles feios tacões nos meus sapatos, recentemente estreados, mas não disse nada.

Pouco depois, voltei a sentir um puxãozinho...

— Estes sapatos estão descoloridos — informou-me o engraxador. Se quiser, posso tingi-los de preto. Ficarão um mimo!

A sua proposta horrorizou-me.

— Você acha que é indispensável tingi-los de negro? — murmurei. Para lhe dizer a verdade, acho que estão bonitos, assim mesmo.

— Tingidos ficarão muito melhor — assegurou o homem, obstinadamente.

— Não é para o contrariar — objectei, procurando não o contradizer — mas estou quase capaz de lhe afirmar que não gosto muito de sapatos pretos.

— Manias! — interrompeu o engraxador, bastante irritado. O sapato negro é muito elegante e tem a vantagem de ser mais escuro que o sapato branco.

— Quer que os tinja ou não? Não estou para perder o meu tempo...

— Se não há outra solução — murmurei, sorrindo — tinja-os. Mas insisto em que os acho bonitos como estão.

Passaram-se alguns minutos, em que não reparei no

que o homem fazia. Um terceiro puxão na dobra das calças, fez-me voltar á realidade.

— Ora veja esta obra-prima — ordenou o «graxa». Estão melhor que novos!

Ao vê-los, tive de fazer um esforço para conter as lágrimas; os meus esplêndidos sapatos castanhos e brancos tinham-se transformado em duas horríveis coisas negras! Sorri, débilmente.

— Agora ponho-lhes palmilhas de cortiça e atacadores novos — disse aquele homem satânico, com voz decidida.

— Parece-me que não vou gostar das palmilhas de cortiça — sugeri com a maior prudência.

— Verá como os acha muito confortáveis.

Tirou-me os sapatos, fez com eles o que quis e voltou a calçar-mos.

— Posso ir-me embora? — perguntei.

— Sim senhor. São vinte e nove pesetas e mais a gorgeta.

— Dei-lhe trinta pesetas. — ruminou, olhando-me com cara de poucos amigos.

Entreguei-lhe mais um duro e saí do «café» a correr, em direcção a minha casa.

OS ALQUIMISTAS

- E NCONTRASTE alguma pedra filosofal, velho Flório.

— Nem casualmente, amigo Melénio.

— Eu também não! — Pedra que vejo, pedra que apanho; trago-a para casa, esfrego nela um bocado de terra, para ver se se transforma em ouro, mas «nicles»...

— Nem me fales nisso! Eu cheguei a juntar tantas pedras, que mandei com elas edificar um prédio!

— Pois ando agora muito ocupado com o elixir da longa vida...

— E que tal? Puseste a unha de morcego, a calcinar, como eu disse?

— Pus em infusão, com um pouco de pena de faisão...

— Eu ando muito preocupado com a minha fórmula...

— Guardá-la secretamente? — Não, não. Escuta: Vinho de Chipre, quatro copos; licor de cónhaque, quatro copos; copos; rum, quatro copos; genebra...

— ...Quatro copos!

— És esperto. Como adivinhaste?



Caím e Abel

Caím — Dás-me um cigarro?

Abel — Sabes bem que não fumo... O tabaco é altamente prejudicial ao organismo e, além disso, o nosso querido pai não nos autorizou tão pernicioso vício!

Caím — Não tem importancia. O papá não nos está a ver...

Abel — E então! E' esse o nosso dever filial, a unica luz que nos deve iluminar, seja ou não fluorescente.

Caím — Bem, bem. Vamos tomar um cálice de licor fermentado de maçãs á taberna da esquina?

Abel — Esse vício também é muito censurável! O homem que ingere bebidas alcoólicas degrada-se moralmente e contribui — que inconsciente! —

para a sua própria ruína física e moral.

Caím — Pois bem. Então o que fazemos?

Abel — Lavremos a terra fecunda para obter formosos tubérculos, façamos larguíssimos subterrâneos, para descobrirmos as minas de urânio, de ferro, de volfrâmio e de rubídio; construamos barcos para sulcar as águas do mar tenebroso, edifiquemos escolas, sanatórios, diques e hospitais; ergamos pontes e viadutos; canalizemos os rios e saneemos as águas.

Caím — E nas horas de descanso?

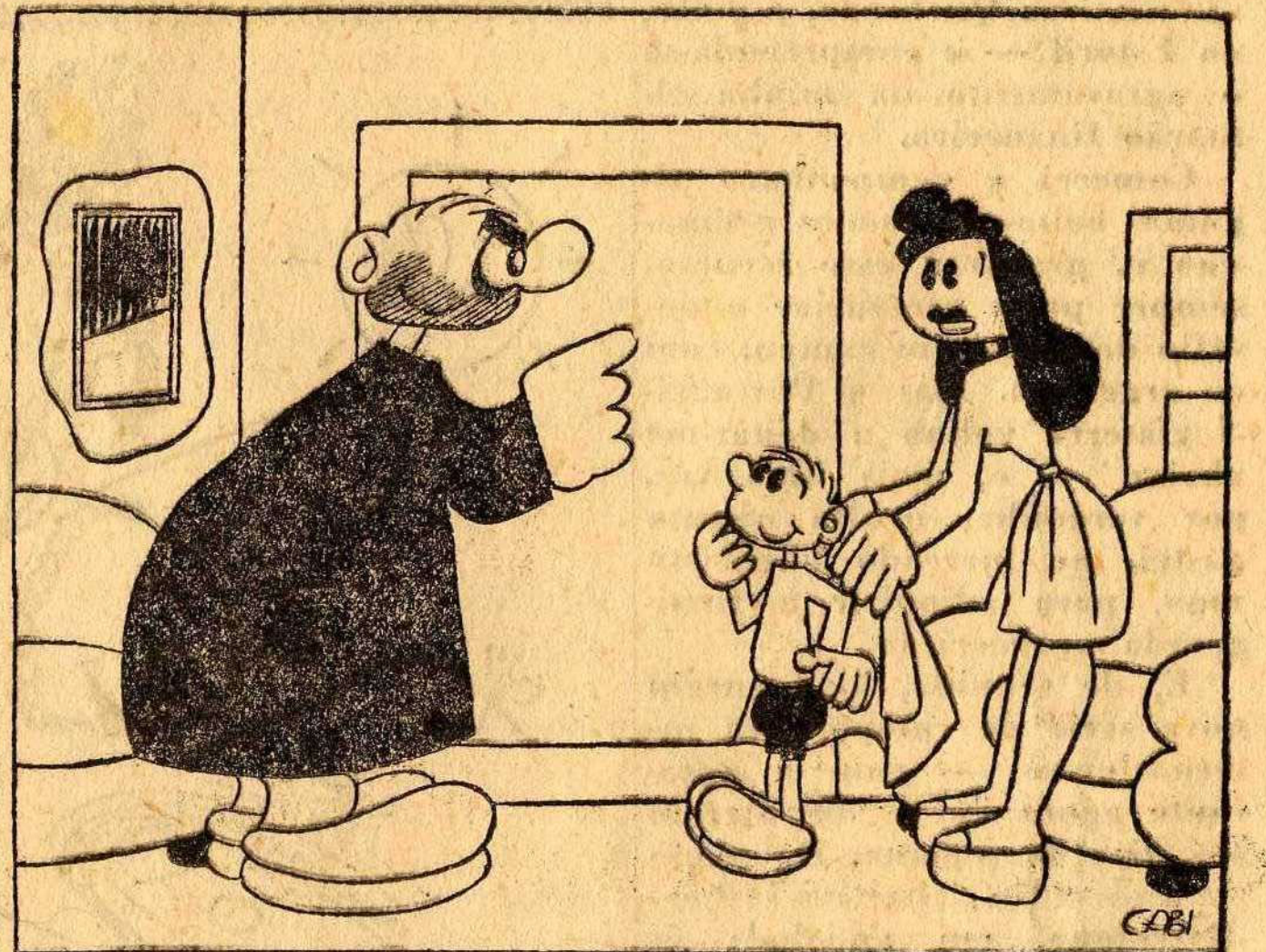
Abel — Dancemos os alegres bailados do folclore nacional, cantemos as nossas inocentes e jocosas canções, digamos coisas sensatas, comamos sóbriamente e durmamos a bom dormir durante umas horas.

(Passa um burro, e Caím tira-lhe as cangalhas, dando com elas na cabeça de Abel, que morre instantaneamente, coitadinho. O malvado Caím tira-lhe do bolso três cigarros, acende um, devolve as cangalhas ao burro e deita-se debaixo duma figueira, a fumar, como nada se tivesse passado).

— Conheço a Alquimia de ponta a ponta...

— Junta-se uma casquinha de limão e agita-se.

(Continua na pág. 12)



— Papá! eu quero ser «gangster», como tu! Quando me levas a roubar contigo?

— Quando fores bonzinho!...

A CARTA DE AMOR

por TRISTAN BERNARD

EM plenas férias, que sensaboria, para o jovem Adolfo, sentir-se assim perseguido por um aborrecimento que nem sequer sabia definir.

Dar-se-á o caso de se ter recordado da irmã que, ainda convalescente não poderá sair de Paris? Não, porque já se preocupara na véspera em termos de haver habituado a essa ideia.

Serão as dívidas que lhe dão cuidado? Tampouco, visto o fim do mês ainda vir longe.

Por lhe coxear o cavalo? Também não, pois estando o cavalo coxo não terá necessidade de o passear.

O que acontece, simplesmente, é ter-se lembrado, ao sair da cama, que naquele dia era terça-feira e

tinha de escrever á bem-amada.

«Madame» Chernuzon andava pelos Alpes. Só se escreviam, ela e Adolfo, de três em três dias, para não se tornarem reparadas as visitas muito frequentes, dela, á posta-restante. Na véspera, recebera Adolfo uma carta de oito páginas que valiam por desasseis, visto «madame» Chernuzon escrever, primeiro á largura, depois ao comprido do papel, sobre as linhas já escritas, coisa que tornava a leitura das suas cartas assás difícil para um leitor meticoloso.

Quanto a Adolfo, adoptara o processo de lhe res-

ponder apenas em quatro páginas; mas essas mesmas era preciso enchê-las de ponta a ponta.

Escrevia, de preferência, no Casino, porque o papel tinha uma vinheta, muito artística, que ocupava uma boa metade da primeira página.

Depois do almoço, dirigiu-se para o Casino.

Ficou um largo espaço de tempo defronte da mostra duma salsicharia, a examinar as peças expostas, e foi preciso, para o arrancar dali, que o salsicheiro assomasse á porta do estabelecimento com o mais convidativo... a entrar, dos seus sorrisos. E, mediante nova paragem, ao pé doutro estabelecimento, architectou castelos quiméricos na alma, até então resignada, duma dama vesga que vendia boinas de praia.

Já no Casino, instalou-se no terraço. Pediu um sorvete de café e com que escrever. Trouxeram-lhe logo com que escrever, implacavelmente...

Esperou pelo sorvete a fim de o tomar primeiro e não ter que interromper a carta.

Mas um sorvete, mesmo no Casino onde o serviço seja mais demorado e os criados se arrastam mais linfaticamente, sempre acaba por chegar. E uma vez chegado, há que ingeri-lo, para que se não liquefaça.

Não teve por conseguinte, outro remédio, senão o de lançar mão da pena, abrir a pasta, tirar o papel

e escrever por baixo do hotel embandeirado:

Minha adorada

E depois? Acusava a recepção da carta dela:

Recebi a tua querida carta, minha adorada...

Em tais circunstancias, as repetições não prejudicam.

...li-a, reli-a e beijei-a dez vezes, cem vezes, mil vezes...

Podia ter escrito logo «mil vezes»; mas a progressão, além de muito util, era também mais eloquente.

E nada mais havia a acrescentar sobre a carta recebida... Verdade seja que já faltavam só duas linhas para chegar ao fim da página, o que Adolfo conseguiu facilmente com alguns veementes «Adorote!» espaçados de reticências.

Virada a folha, a dobra cuidadosamente vincada, encontrou-se perante uma considerável extensão de papel em branco.

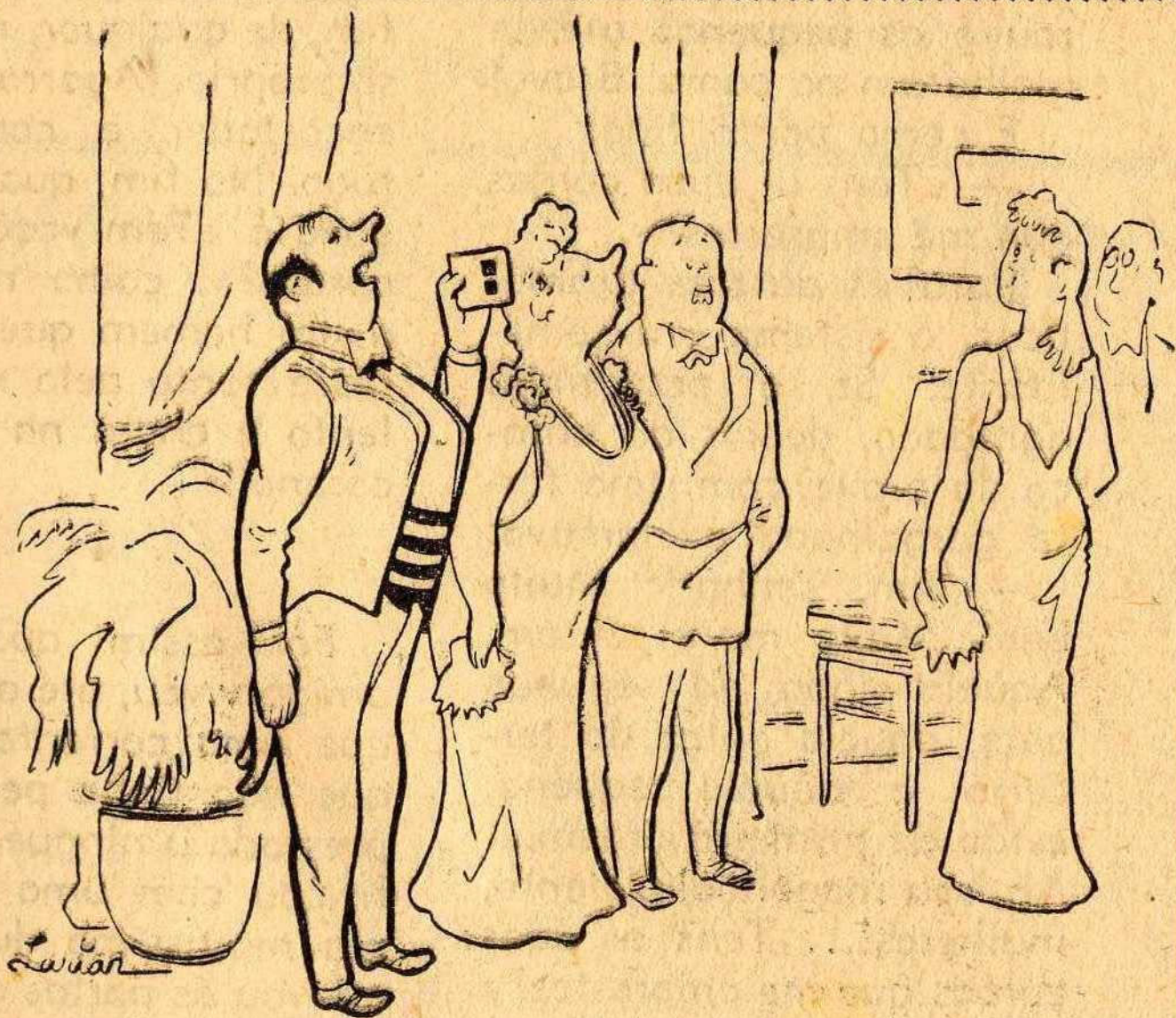
Que dizer-lhe mais? Em que empregara o tempo? Apenas tinha a contar-lhe um passeio de trem:

Fomos ontem, de trem, a Baquerville. E' um sitiozinho muito interessante, a uns oito quilómetros e quinhentos metros daqui. O passeio foi, contudo magador. Não há maneira, decididamente, de me divertir sem ti.

E sobre o emprego do tempo, era tudo quanto tinha a contar-lhe. Porém ela, que teria feito?

E tu minha adorada, que

(Continua na pág. 15)



O Mordomo — O sr. que inventou o remédio da cura do cabelo, e sua esposa, autora dos mais eficazes processos de emagrecimento!

QUER GANHAR 1.000\$?

CONCORRA AO NOSSO CONCURSO:

«HÁ HORAS FELIZES»

GRACA DOUTROS TEMPOS

O PROCURADOR GERAL DAS C

Morreu noutro dia. Deus o tenha á sua mão direita e lhe dê um repouso eterno de primeira classe, que bem o mereceu, esse pobre diabo, que na vida teve um trabalho insano para não fazer nada. Ele tinha nascido **encostador**.

Cresceu, e no colégio pediu tudo emprestado: os livros, os lápis, os apáros, as bolas de borracha. Feito homem e tendo que angariar três refeições diárias e um charuto de vintém para apoteose de cada uma delas, escolheu a carreira que mais facilmente lhe podia garantir os comes, bebes e fumos: pedir dinheiro emprestado. E levou esse modo de vida ao apuro de uma arte, subtil e delicada.

Tinha classificado os seus amigos e conhecidos com o maior escrúpulo. Estabelecera uma lista alfabética de todas as suas vítimas, com indicação do nome, idade, profissão, rendimento e, na casa das observações, a conclusão psicológica a que chegara, após aturado estudo, sobre o modo mais eficaz e fácil de lhes extrair sem cloróformio as duas **corôas** de estilo. Uns eram mais fáceis de levar pelo sentimento. A esses, então, se chegava com um ar fatal, contava que, desde o começo do ano, não comia, que tivera três apendicites, que a mulher dera á luz nove filhos duma vez, que na véspera — novo Ugolino —, para não morrer de

POR ANDRÉ BRUN

fome, se vira obrigado a comer metade do filho mais novo, guardando a outra metade para comer em família no dia de Natal... E remetava sempre a história com o tradicional:

— «Tens aí duas corôas que me emprestes?»

A outros era pela vaidade que os capeava. Um literatelho escrevia um artigório qualquer num jornaleco? Logo na manhã seguinte encontrava o nosso amigo, que berrava, abrindo os braços:

— Ora venha de lá esse abraço. Bravo! seu catita! Aquela de ontem estava muito boa. Li em casa á minha mulher. Pois chorou e os pequenos até se molharam na cama. Bravo!

E como ponto final:

— «Tens aí duas corôas que me emprestes?»

Para os autores dramáticos, o sistema era semelhante. Se a peça tinha agradado, depois do abraço da praxe, com uma forte gargalhada exclamava:

— Sim, senhor! Muito bem. Muito me ri ontem. Aquela piada do segundo acto, aquela outra do terceiro e aquela pequena, estão de primeira ordem... Ah, seu maganão! Talento, mulheres!... Tens aí duas corôas que me emprestes?»

Se a peça tinha sido um fiasco, era com um parecer grave que ele dizia ao infelizmente autor:

— «Meu amigo, nós, os homens de talento, devemos ser superiores a certas coisas. É até um consôlo sermos pateados por uma cambada de burros como

este público de agora. Que quer você? Só lhe serve a pornografia e a banalidade. Você é um tipo fino. Trabalha, não para ganhar dinheiro, como certos futriqueiros, mas para seu prazer espiritual. O público não o entende. Que importa? Há sempre dois ou três — ou um que seja — que o apreciam. Olhe: a mim, ontem, no terceiro acto, vieram-me as lágrimas aos olhos, naquela cena da mãe e do coronel.

O autor encravado tinha sempre que se queixar de alguém: ou do empresário, ou do público, ou dos artistas, ou da crítica, ou dos carpinteiros do teatro, enfim, de qualquer, menos de si próprio. Agarrava-se ao encostador e contava-lhe tudo. No fim, quando chegava o «Tem você aí duas corôas?», como recusá-las a um homem que se interessa tanto pelo nosso talento e chora na cena do coronel!

★

Foi assim que o meu amigo viveu, até ao dia em que uma corrente de ar, que não tinha pedido emprestada a ninguém, o gratificou com uma pneumonia muitíssimo dupla, que o levou ás portas da morte.

Na hora da agonia, a mulher, que era muito religiosa, entendeu que devia reconciliar com Deus o livre pensador, que ele sempre fôra. E, aproveitando o estertor do moribundo, mandou a dois filhos, que tinha mais á mão, chamar cada, um

IMPRESSÕES por CELSO HERMÍNIO



— E' esquisito como o tempo está triste quando está soldado! Eu quando estou «soldado» estou «alegríssimo»!

(de «A Paródia»)

COUROAS

padre. Mal o primeiro padre chegou e entrou de rezar a prece dos agonizantes, logo o outro se apresentou e, a pedido da mulher do doente, começou também requerendo a misericórdia divina e repetindo o latim do colega.

Ao final, cada padre se ajoelhou, curvando a cabeça, junto ao leito do moribundo. Este, na hora de expirar, abriu os olhos, mirou para cada lado, viu as calvas circulares dos dois sacerdotes e, aos pés da cama, a mulher toda em lágrimas. Então, sempre encostador, as suas últimas palavras foram:

— «Balbina... Empresta-me estas... duas... couroas.

E morreu.

(Condensado do livro de André Brun: «Cada vez pior»)

ARTUR Agostinho é um nome popular no meio radiofónico, como locutor da Emissora Nacional, onde arranhou milhares de amigos entre os ouvintes do «Programa da Manhã» — o do Optimismo e da Boa Disposição.

Mas o que os leitores não sabem é que Artur Agostinho é o produtor de muitas dessas boas piadas que nos despertam para todo o dia, sem que demos pelas horas que passam...

Não nos consta que ele tenha dado alguma vez um arzinho da sua graça, a escrever uma laracha para um jornal qualquer. Pois, hoje, ele mostra, aos nossos leitores, que não é só na sua voz que está a boa disposição; também da caneta de tinta permanente sai o seu humor característico, que justifica bem a nossa escolha do popular locutor Artur Agostinho para figurar na secção «O Humorista de Hoje».

E ficamos por aqui.

«Bom dia, muito bom dia!».

O NOSSO HUMORISTA DE HOJE



por Frederico Santana

D. MENELAU, O CAVALEIRO ANDANTE

D. Meneláu
Era um tratante
Dum cavaleiro-andante...

Volta e meia,
Mandava limpar as latas
Da ferrugenta armadura,
E numa doida aventura,
Montava no ginete,
Que ia mesmo,
Coitadinho,
Com um focinho
De frete.

D. Meneláu,
Mal levantava da cama,
Agarrava num dos ferros
E começava
Aos berros:
— Abaixo a moirama
E o seu Pachá imundo!
Viva o Benfica
Que é o melhor do mundo!
Levantava os calcanhares,
Fazia três flexões,

Um...

dois...

três...

quatro...

cinco...

E depois,
ia dar milho aos pavões...

D. Meneláu
Fazia cara de mau,
Quando falava em cruza
E ao contar
As suas cavalgadas,

As damas do castelo,
Falava em tom
tão belo,
Que os ais,
Os uis,
Os óis,

Saiam aos molhos
Pelo nariz,
Pela boca,
Pelos olhos

Das damas, entusiasmadadas...
Mas Meneláu
Que — diga-se de passagem
— Não era nada burro...

Por causa do esturro,
Sempre que ia dar
Um cacetadas,
Bem dadas,
No infiel,

Mandava buscar,
Para sua esposa usar,
O cinto de castidade,
Que ela,
Toda ingenuidade,
Comprara no
Grandela...

Feliz,
Montava então no rocinante,
E partia, galante,
Com sua grande lança...
Andava á espadeirada,
Que até metia dó,
E a sua Briolanja,

Sem esperança,
Lá passava as manhãs,
Nas tristes barbacãs.

Só...

Ora, uma vez,
Já ia alta a lua,
— Na rua,
Só o guarda nocturno —
Atravessou o fósso
Um cortejo soturno.
Era um grande e desvairado trôço
De cavaleiros-andantes,
Com seus grandes penantes.
Eram barões
E marqueses,
De espadilhões e arneses,
Que até parecia mal.

À frente,
Muita gente,
Num grande chavascal.
Iam em busca da toca
De Mulei Aldrabãoomar
(A História não falou,
Mas devia falar
Dum infiel tão mau),

E o bom do Meneláu,
Com ar muito sonsinho,
Ia já
p'lo caminho
A afiar a moça...
Se a memória não falha,
Cem luas durou
A sangrenta batalha.
E a pobre da Briolanja,
Mal rompia a manhã,
Lavava a barbacã
Com seu pranto esquiso;
Depois chamava a aia,
Para lhe ler
«O Riso».

E um dia,
A numerosa cavalgada,
Voltou da cruzada,

Meneláu,
Mal deixou o rocinante,
Correu num instante,
P'ra esposa que ansiava,
E que cantava:

— Vem,
Vem junto a mim,
Dá-me o calor
Do teu bigode...

— Oh, meu Amor!
(Diz Meneláu,
Que já não pode
Com a
saudade)

Vem, Briolanja,
E, se alguém
Me importunar,
Nem que de rastos peça,
Corto-lhe a franja,
Mais a cabeça!

Mas nisto um ai
Se ouviu,
De estarrecer!
E o cavaleiro
Fica a tremer
Em convulsão...

— Menelauzinho,
Que tens,
ó meu Anjinho.

— Uma grande desgraça
Se passa!
Perdoa, ó minha flor,
Beleza peregrina!
Eu juro que não mintu:
Ao nosso amor
Surgiu um grande
entrave...

A chave
Do teu

cinto,
ficou na Palestina!

EDUARDO F. RODRIGUES

RISO MELADO



OS LADRÕES

pelo humorista russo
ARKADY AVERCHENKO

E STAVA eu de visita em casa de Krasavin, quando entrou na sala a criada e disse:

— Chamam-no ao telefone!

— A mim?! Não pode ser! Não disse a ninguém que vinha para cá...

— No entanto, é ao senhor que chamam.

Peguei no auscultador e, cheio de curiosidade, apliquei-o ao ouvido.

— Quem fala aí?

— Fala o Chebakov. Ouve lá: estamos no «cabaret» 'Alhambra. Só faltas tu. Não te demores.

Respondi:

— Não posso ir. Tenho de terminar um trabalho urgente. Mas quem te disse que eu estava em casa de Krasavin? Na minha não está ninguém, pois a criada foi passar o dia com os pais... Acho isso estranho...

— Vamos, não brinques, filho! Acabo de telefonar para tua casa e de lá responderam-me que estavas aí.

— Ou eu endoideci, ou estás a caçar comigo. Deixei a casa fechada e a chave guardo-a aqui no bolso. Quem podia ter respondido?

— Não sei. Uma voz masculina, desconhecida, que me disse: «Ele deve estar em casa de Krasavin». A pessoa que me falou não parecia muito disposta a prolongar a conversação porque se apressou a desligar o telefone.

— Homem, deixas-me meio maluco! Vou imediatamente a casa.

— Mas, para que esperar tanto? — replicou Chebakov. Telefona tu para tua casa e saberás tudo mais depressa.

— Lembras bem!

Dependurei o auscultador e fiz depois nova ligação.

— Central?... 8.00000?...

— Outra vez? Quem fala? — perguntou, instantes decorridos, uma voz desdenhosa.

— E' Central... 8.00000?

— Sim, sim! Que deseja?

— E quem fala aí? — gritei, furioso e desorientado.

O meu misterioso interlocutor pareceu vacilante.

— O dono da casa — respondeu, por fim, com voz pouco segura — saiu.

— Olha a novidade! — vociferei. — Já sei que saí. Porque o dono da casa sou eu!... É o senhor quem é e que faz aí?

— Espere um momento... Não estou só. Vou chamar o meu companheiro... Gricha, anda cá.

Alguém respondeu, perto do aparelho, com acento colérico:

— Que maçada, meu Deus! Não deixam a gente trabalhar!

E acrescentou, já ao telefone:

— Como? Que deseja?

— Que faz aí em minha casa? — rugi.

— Ah! o senhor é o dono

da casa? Não calcula o prazer que me dá!

— O quê?

— Poderia ter a bondade de nos dizer onde estão as chaves da sua secretária? Já as procurámos por toda a parte, e...

— Que está você a dizer?

— Que estamos com a cabeça feita em água de tanto buscar as chaves da sua secretária sem as encontrarmos!

— Para quê?

— Para não nos vermos obrigados a arrombar as onze gavetas. Além de bastante incómodo, seria lamentável porque o móvel é magnífico. Custou-lhe, pelo menos, duzentos rublos, não é verdade?

— Ah! canalhas? — gritei. — Entraram em minha casa para me roubar? Esperem o resultado! Vou já lá!

— As suas ameaças, não nos assustam — respondeu à mesma voz, persuasiva. — Antes do senhor cá chegar teríamos tempo de sobra para fugir. O melhor será dizer-nos onde estão as chaves.

— Bandidos! Não tardarão a ter o merecido castigo!

— Para que se exalta? Estamos a falar-lhe serenamente, sem destemperos. Em vez de lhe darmos cabo da secretária, perguntámos-lhe onde estão as chaves. O senhor até nos devia agradecer e deixar-se de expressões tão grosseiras.

— Não posso falar doutra maneira com mariolas como vocês...

— Não responderemos a injúrias; mas castigá-los-emos, se não mudar de atitude, rasgando com um canivete o estofado das cadeiras e do sofá e deixando-lhe em lastimável estado a secretária e a estante. Se nos tratar com cortesia, nada disto lhe sucederá!

— Tem graça! Ponha-se no meu lugar. Entram-me em casa, e ainda por cima pretendem que os trate como fidalgos!

— Mas quem pensa em arruiná-lo? Embora levemos de cá alguma coisa, que importância tem isso para o senhor? Em contraposição, se nos não tira da pobreza, ao menos ajudanos a viver.

— Compreendo! — exclamei com a voz alterada pela comoção, que eu estava certo de lhes transmitir comovendo-os também profundamente. — O que não compreendo é vosso interesse em espatifar-me a mobília.

— Nenhum. Mas não podemos tolerar os seus insultos.

— Bem. Não os insulto mais. Reconheço que têm o direito a certa indemnização pelo trabalho que, sem dúvida, tiveram para conseguir entrar em minha casa.

— Não é coisa assim tão fácil como se pensa...

— Mas para que necessitam vocês das chaves da secretária?

— Para tirar o dinheiro, hom'essa!

— Ah! vocês julgam que está numa das gavetas?

— Claro!

— Devo preveni-los de que tenho muito pouco e, além disso, de que se encontra muito bem escondido... Digam-me francamente quais as vossas aspirações.

— Como?

— Quanto pensam levar... do que me pertence?

— Por outras palavras:

(Continua na pág. 12)

É SÓ CONVERSA

NOS nossos dias não devemos admirar-nos das surpreendentes e inesperadas descobertas que, constantemente, aparecem nos jornais de todo o mundo.

Depois que foi possível construir a bomba atômica, e que se verificou ser impossível atenuar os seus efeitos; depois que se têm descoberto tantos remédios contra a queda do cabelo, se bem que os carecas continuam a aumentar; depois que se descobriu a televisão, embora até hoje ainda não passe duma quimera para transformar os programas radiofónicos num «agradável passatempo»; eis que finalmente surge mais uma descoberta sensacional, cujos efeitos, a serem autênticos, constituirão grave prejuízo para alguns seres viventes.

Referimo-nos á descoberta do Professor Woodward, da Universidade de Harvard que afirma ter descoberto a forma de fazer pele, cabelos e unhas sintéticas.

Esta descoberta revolucionará o comércio e... a beleza. Assim o comércio poderá dispor dos mais variados artigos do género preparados quimicamente, em substituição dos que, com pesados encargos, conseguia por intermédio de alguns simpáticos representantes do reino animal. A beleza, ou melhor, as belezas poderão ornamentar-se sinteticamente com casacos e vestidos de seda sintética (ex-seda animal) e peles sintéticas (ex-castor, ex-marta, ex-etc.).

Não será pois de estranhar que amanhã o Prof. Woodward receba um abaixo-assinado com uma reclamação dos simpáticos animais que ele atirou para o rol das coisas sem valor.

E não será também de admirar se ouvirmos, dentro em breve, anunciar em qualquer dos nossos programas de publicidade radiofónica que a firma PELES E ARTIGOS ANIMAIS, LD.^ª, com sede em «Todas as Florestas do Mundo», tem os seus artigos á venda nos estabelecimentos tais e tais, que serão facilmente reconhecidos dos sintéticos por se fazerem acompanhar das respectivas certidões de nascimento dos competentes animais desses artigos.

Todavia, enquanto cá não chegam as provas compráveis do Prof. Woodward, teremos que dar pelas sedas e artigos de pelaria... o couro e o cabelo.

AMERICANICES...

REALIZOU-SE há meses, em Nova York, um concurso entre pessoas distraídas, para eleger o campeão, que, durante três horas, desse a melhor prova de ser 100 % lunático.

Quatro parceiros de «poker», comeram o baralho e jogaram com sanduiches;

LISBOA, LINDA LISBOA!

(Do «Diário de Notícias» de 22-6-47):

Hoje, por estarem encerrados os nossos escritórios, não se fazem inscrições. Amanhã, pelas 20 horas, terminará impreterivelmente o prazo. Fim do este, não poderemos receber mais nenhuma candidatura. E as «Rainhas» e suas «Damas de Honor» sairão das centenas de raparigas que até essa data preencherem os requisitos indispensáveis para participar na eleição.

Nos próximos dias 25, 26 e 27 realizar-se-ão as provas eliminatórias no terraço coberto do nosso jornal.

O júri, deste modo, designará as candidatas apuradas para a fase final da eleição.

Está prestes o fim do concurso para a eleição das «Rainhas de Lisboa». Confiamos desta vez no bom gosto do júri, pois estamos habituados a ver, em concursos similares, umas premiadas capazes de fazerem parar uma locomotiva...

Não esqueçam, senhores do júri, que Lisboa é linda...

jogador de bilhar, meteu o giz na boca e esfregou a ponta do taco com uma pastilha elástica; o criado que servia os concorrentes e a quem um destes tinha pedido um «whisky» com soda, em vez de pegar no sifão, agarrou o pequeno extintor de incêndios que estava preso á parede; e, ao cabo de três horas, surgiu o campeão: um sujeito que desatou a colar escritos pelo corpo, convencido que era um edifício para alugar!

★

Em Washington, durante a guerra, houve uma enorme crise de habitação, tal como se verifica, de há anos para cá, na nossa terra, onde as casas têm subido mais que as viagens do professor Pickard á Estratosfera...

Um excêntrico americano, dias antes de falecer, fez as suas disposições legais e mandou que se pusesse, na sua campa, o seguinte epitáfio:

«E' escusado baterem-me á porta, porque nem aqui se alugam «appartements». Não me telefonem, pois fui passar o fim de semana á minha casa de campo».

★

Dum jornal do Novo Continente, recortamos a seguinte piada:

Há um quadrado que devia representar qualquer coisa, género anedota. E por baixo, está a legenda:

— V. Ex.^ª é a esposa do general Smith?

— E V. Ex.^ª não é o tenente-coronel Brown?

— Eu não, minha senhora.

— Eu também não!

E mais abaixo, em aviso ao leitor:

— Acham que valia a pena ter desenhado a anedota?

Boletim meteorológico

SITUAÇÃO geral ás 6 horas: — Por não serem horas duma pessoa decente andar na rua, aconselhamos a lerem os jornais da noite. No entanto, afiançamos que se mantém forte depressão oriental com tendências a aproximar-se lentamente da Península. Nos Açores, soube-se agora que já passou o mau tempo, e o vento continua sendo para as senhoras o mesmo patifão. Na Madeira, por mais que o vento sopra da Península, reclamando o preço das bananas, não chegaram até agora informações de qualquer baixa. No Continente, até á hora de fecharmos a nossa Redacção, com uma chave emprestada, o tempo não sofreu nenhuma alteração, continuando a ser o que temos visto até aqui.

Na Zona Norte, Centro e Sul o céu está coberto... pelo seguro e as temperaturas não são assustadoras.



— Dê-me um tostãozinho para o S. Pedro!

— Oh homem, você não tem vergonha de andar a pedir para o S. Pedro.

— E' que meu filho está doente e não pôde vir trabalhar hoje...

Habilitem-se no Concurso

«HÁ HORAS FELIZES»

e os MIL ESCUDOS

não se farão esperar

ANEDOTA AMERICANA

NUM baile, estão vários pares a dançar ao som duma estupenda orquestra. Reina grande animação e, em dado momento, ouve-se um grito duma senhora:

— Fogo! Fogo! Acudam!

De facto, rompera um grande incêndio a um canto do salão. Há uma balburdia de gente a querer fugir, mas um musico levanta-se e berra:

— Calma, meus senhores! Eu sou o homem do pífaro!

Aquela voz é uma ordem. Os animos tranquilizam-se e o baile prossegue, assim como o incêndio...

De novo, uma voz, num grito dilacerante:

— Fugam! Fugam! Há fogo!

As labaredas já lambiam as cortinas. Reina, de novo, a desorientação e o terror, e nisto o musico levanta-se e diz:

— Haja calma, meus senhores! Lembrem-se de que eu sou o homem do pífaro!

O baile continua e as pessoas nem dão pela catástrofe, até que um alarme ainda maior, se fez ouvir:

— Fugam! Fugam! O sobrado está a abater!

Nesta ocasião, ainda a barafunda é pior. Corre gente, separam-se os pares, em fugas desordenadas.

E, de novo, o musico aconselha:

— Muita calma, amigos! Eu sou o homem do pífaro!

E a normalidade reina de novo.

Daí a pouco, o edifício era um pasto de chamas, onde toda a gente morreu carbonizada.

Conclusão: ele não era o homem do pífaro!

OS ALQUIMISTAS

(Continuação da 6.ª pág.)

— Não me parece má fórmula...

— Queres prová-la? Toma lá um copinho...

— Excelente! Isto é a força que prolonga a vida!

— Bebamos um outro copinho!

— Sinto-me mais jovem...

— Um «copo de três», fará muito mais efeito!

— Tenho medo de me embriagar, rapaz...

— Tralaralálá! Tralári! Tralaralálá! Mas que grande elixir!

— Viva a juventude eterna! Viva o elixir! Viva eu! Laralálá, laralálá! Tralaralálá!

(Continuação da 10.ª pág.)
quer saber a quantia que ambicionamos roubar, não é isso?

— Formulou perfeitamente o meu pensamento.

— Pois bem, tranquilize-se. Não tencionamos roubar-lhe grande coisa. Quer saber o que já escolhemos?

Ouçá. Alguma prata lavrada, um sobretudo, um gorro de peles, um despertador, um pisa-papéis de prata...

— Não é de prata, — observei, solicitamente.

— Então não o levamos.

Vai, em lugar dele, a cigareira.

— Ouçam meus amigos; Vocês tiveram a sorte de penetrar em minha casa.

Suponhamos que o porteiro os não vê, ou que, se os vir, não desconfia de nada. E depois? Naturalmente lecam o produto do vosso «serviço» a casa de qual-

quer indecente receptor de objectos roubados, que lhes dará por eles uma miséria.

— Lá isso é verdade! — suspirou o meu interlocutor.

— Na realidade, os ladrões não são vocês, são eles. O perigo está nesses exploradores, que representam a principal lepra da vida contemporânea.

Amigo: eu, por razões que é escusado agora enumerar, estimo muito esses objectos ao passo que você só quer vendê-los. E quanto lhes darão por eles? Quase nada! Aposto que não obtêm nem cinquenta rublos...

— Cinquenta? Se nos derem vinte e cinco, poderemos dizer que fizemos um grande negócio.

— Está a ver? Eu já sabia que nos poríamos de acordo. Tenho dinheiro aí no escritório, não nego. Pouca coisa, como lhe disse: cento e quinze rublos.

Desde que nos entendamos, dir-lhes-ei onde se encontra o dinheiro. Podem levar cem rublos; os quinze restantes deixam-mos para os meus gastos urgentes. Uma vez de posse dos meus cem rublos, retiram-se sem levar mais nada. Aceitam?

— Sim, mas...

O meu interlocutor mostrava perplexidade.

— Mas, quê?

— Já temos as pratas empacotadas.

— Não importa. Deixam-nas assim.

— E não receia que levemos o dinheiro e os objectos? Inspiramos-lhe assim tamanha confiança?!

— Ah! queridos amigos! Estou certo de que não farão isso. E tenho mesmo a convicção de que, no fundo, vocês são até boas pessoas.

— Sim. Mas... a maldita vida que levamos, esta profissão ingrata... Compreende, não é verdade? compreendo.

— Plenamente de acordo. Deixaremos os quinze rublos.

— E não levam os objectos?

— Também prometemos.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra!

— Obrigada. Agora, es-

— Ao saírem, tenham a bondade de apagar a luz.

— Fique descansado.

— Entraram pela escada de serviço?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Depois não se esqueçam de fechar a porta á chave por causa dos ladrões.

— Fique descansado.

— E onde deixamos a chave?

— Meta-a por baixo da porta. O despertador não parou?

— Não, senhor.

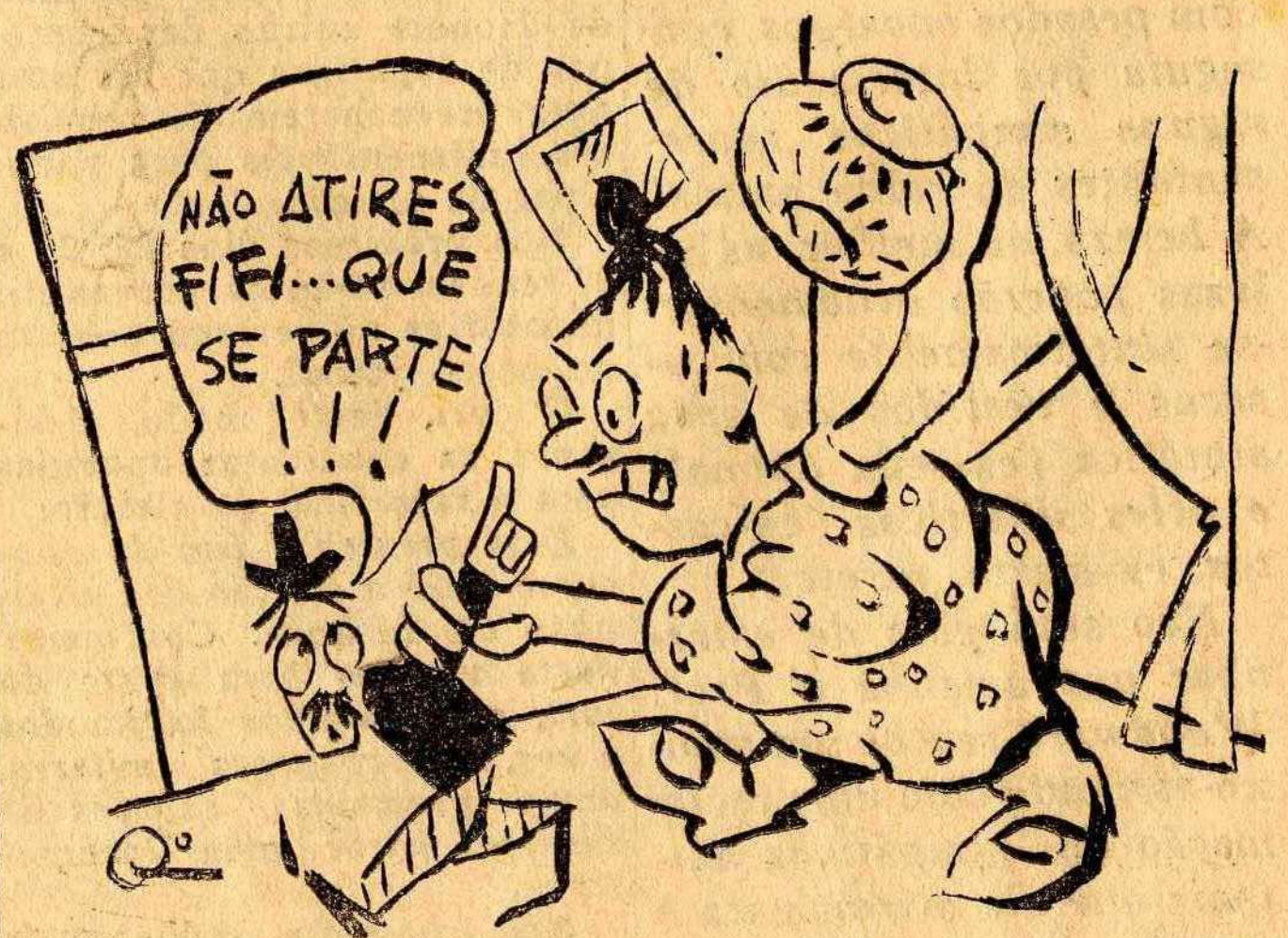
— Muito bem. Boas noites, meus amigos!

Quando voltei para casa encontrei sobre a mesa de jantar um embrulho, três notas de cinco rublos e uma cartinha concebida nos seguintes termos:

«O despertador está no quarto de cama. Diga á sua criada que trate melhor da roupa. A gola do sobretudo está suja e picada da traça.

Gricha e Sérgio.

(Condensado do livro: «O Congresso que Ri», de César Frias).



— É uma jarra da fábrica «Vicris» da Marinha Grande

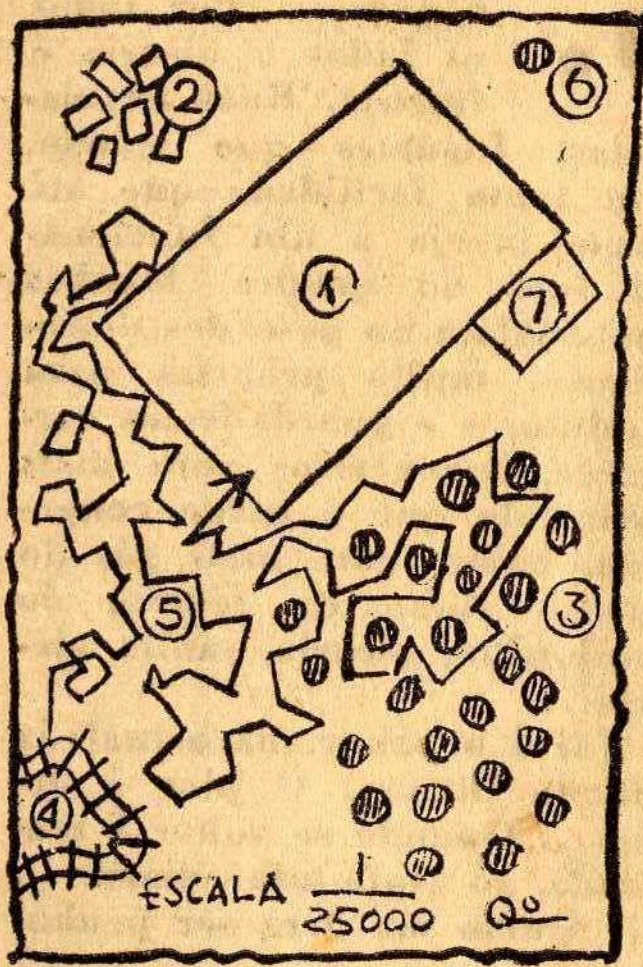
UM GRANDE EXCLUSIVO DO «RISO»

A NESPEROLANDIA

(HISTÓRIA DUM PAÍS IMAGINÁRIO)

por

TRISTÃO JORGE



- 1 Piscina de guerra
- 2 Nesperina (capital)
- 3 Região da nespera
- 4 Caminho de ferro
- 5 Atalho para a piscina
- 6 Nespereira solitária
- 7 Lavatório da esquadra

A Nesperolandia, é uma pequena língua de terra encravada no território do Estado Livre da Riachata, que a rodeia por Norte, Este e Oeste, sendo limitada ao Sul pelo reino da Tranquibérnia. Não tem saída para o mar, nem mesmo aos Domingos, o que levou os nesperolandeses a construir no centro do país uma importante piscina para albergar a sua poderosíssima esquadra, que, de outro modo, ficaria eternamente no fundo da Imaginação dos poetas nacionais. Mede, aproximadamente, este território, uns não sei quantos metros quadrados.

A história deste pequeno país, pelo muito que contribuiu para a civilização mundial, merece ser contada, e eis porque me resolvi a desenterrar das prateleiras dos arquivos os documentos onde os séculos conservaram as impressões digitais deste povo laborioso.

Evolução histórica

Todos os historiadores são unânimes em afirmar que os primeiros habitantes da Nesperolandia foram os tarantas, tribos nômadas que ali se es-

tabeleceram no período paleolítico, atraídas pela mais importante riqueza daquele solo, as néspersas, que foram e são ainda hoje o sustentáculo da Economia nesperolandesa. Existem ainda vestígios dos tarantas não só em diversas ruínas muito bem conservadas, como também em certos caracteres étnicos da população em que predomina acen-tuadamente o tipo atarantado.

Aí por alturas do século V vieram acampar nas vizinhanças daquele território umas outras tribos conhecidas pelo nome de «berlindicos» por serem os primeiros homens do Mundo que se dedicaram á indústria do «berlinde». Entraram imediatamente em relações amigáveis com os seus vizinhos tarantas donde resultou muita tarefa, motivada dum lado, pelo receio dos tarantas em terem por vizinhos gentes de «berlinde», e do outro, pela ambição dos berlindicos que viam no território vizinho o futuro incremento da sua industria, desde que procedessem á conveniente preparação do caroço da nespera, criando aquilo a que eles já chamavam o «berlinde sintético». O conflito terminou com a arbitragem da Tranquibérnia, pequeno povo sem importância que para ali estava há uns anos sem ninguém lhe ligar nenhuma, e viu que des-

ta maneira poderia arranjar uma posição de destaque entre os seus vizinhos e entrar para o Colégio dos Arbitros.

Terminado o desafio, cada qual regressou ás suas ocupações e dsataram a escrever a História desalmadamente, numa louvável intenção de chegarem aos Tempos Modernos.

Cerca de dois mil anos antes ou depois de Cristo — não há bem a certeza, mas tuão leva a crer que tenha sido, antes visto estarmos ainda em 1947 — os tarantas resolveram adoptar para a sua pátria o nome de Nesperolandia em homenagem á sua riquíssima árvore nacional, verdadeira dádiva da Natureza. Foi quase pelo mesmo tempo que os berlindicos decidiram baptizar a sua terra com o nome de Riachata depois duma grande bebedeira que apanharam.

Organização política e social

A primitiva forma de governo dos nesperolandeses, foi, como não podia deixar de ser, a mais simples e adequada aos interesses nacionais: cada qual governa-se o resto são cantigas á guitarra. Porém, como se verificou que uns comiam néspersas e outros ficavam com o caroço, foi resolvido instituir um governo destinado a salvaguardar os direitos de todos os cidadãos promovendo ao mesmo tempo o bem estar colectivo e o progresso social. Elegeram então um rei, o qual estava investido de plenos poderes para matar e esfolar, auferindo um bom ordenado, direito a alojamento, água e luz por conta do Estado, para ele e para a família, e 30 dias de licença em cada ano para «lavar o fígado».

O primeiro dos monarcas que desempenhou um papel verdadeiramente preponderante na política nesperolandesa foi D. Marmelo I, o Vivaço, o qual, ainda príncipe e com a idade de 14 anos, já dava mostras de vir a ser um grande rei, quando, por ocasião da primeira feira de amostras realizada em Nesperina, capital do país, pronunciou a célebre frase que o devia tornar tão famoso quanto Luís XIV: —«O futuro da Nesperolandia está no caroço».

Ao subir ao trono, D. Mar-

melo I encetou imediatamente o desenvolvimento da sua teoria dos 14 anos, proclamando que, para o progresso material da Nação nada mais era necessário do que muito «caroço». Assim, mandou que uma brigada de agrónomos promovesse o imediato plantio de 2.000 pés de nespereiras, cujo fruto continuava a ter a melhor aceitação em todo o Mundo, principalmente o famoso tipo de «nespera de escabeche», que só á sua parte tomava 30.000 toneladas da exportação total do produto, que era de 50.000.

Algum tempo depois, o monarca resolvia fomentar a construção de barcos para a pesca do bacalhau, impondo, desde então, nos mercados universais, um novo produto destinado a bater o sucesso das laminas Gillette: a famosa conserva de «bacalhau com néspersas», alimento tão poderosamente vitaminado que esgotou em pouco tempo o alfabeto nacional.

Com tais demonstrações de tato governativo, D. Marmelo I foi logo convidado a passar á História com o cognome de «Vivaço», e a população erigiu-lhe por subscrição uma estátua em que o monarca figurava montado na sua égua favorita, e por tal ficou conhecida a «estátua equestre».

Como político, este ilustre rei foi o que de melhor têm produzido as dinastias. Diplomata por temperamento mais que por educação, o seu princípio-base era defender os seus direitos o mais possível e respeitar os dos outros... o que fosse possível. Em qualquer pleito inter-nações e onde a sua voz fosse ouvida, D. Marmelo, pondo de parte as subtilezas e enfemismos tão comuns na linguagem diplomática, proclamava desassombadamente, que,

(Continua no próximo numero)

ASSINATURAS

| | |
|-------------------|--------|
| 6 meses (26 n.ºs) | 35\$00 |
| 12 » (52 n.ºs) | 70\$00 |

Pedidos para a nossa Administração.





RISO do PORTO

BORDOADA

É raro o espectáculo de amadores ou récita de beneficência que não meta a praga dos artistas da Rádio. Os leitores têm, com certeza, ouvido falar desta espécie de mamíferos, mas o que pode ser natural é não conhecerem, ao certo, o que é um artista da Rádio. Mas não faz mal, porque eu explico:

Um artista da Rádio é um ser com braços e pernas, como qualquer cristão, que tem por uso e costume perdigotar um objecto muito parecido com um regador, pois também tem muitos buraquinhos e serve para irrigar a paciência duns fabianos, que viviam muito felizes, até ao malfadado dia em que decidi-

ram comprar um aparelho de Rádio.

Ora vem este arrazoado todo a propósito de uma festa de beneficência, recentemente efectuada, na qual estes simpáticos cultivadores duma suspeita arte, meteram o bedelho no não menos inevitável acto variado. Todo o espectáculo tinha decorrido ao natural, como a lagosta!... Pois, chegado o momento de aparecerem os tais artistas, surgiu, no palco, como se fora um cogumelo — isto é: espontaneamente! — o tal regadorzinho, a que se costuma chamar microfone, e vá de começarem a cuspir nele, mesmo nas barbas do publico, que era um dó de alma. Contudo, as vozes destes artistas,

à parte a desafinação, eram agradavelmente volumosas e sadias).

A dado momento, porém, um deles lembra-se de ter um gesto trágico e retira a boca do microfone. E diz, então, um espectador que tinha estado de boca aberta, com o poder vocal dos cantores:

— «Ah! Mas isto é um logro! O homem, afinal, é mudo!...».

Realmente, durante o tempo em que o cantor deixou o aparelhinho, não se ouviu absolutamente nada. O tal espectador tinha razão: «Aquilo era um logro...».

A' saída, dirigi-me a ele e, depois de lhe conseguir acalmar a exaltação, disse-lhe assim:

— O meu amigo parece que está muito escamado!

— Pudera não! — responde ele. Está uma pessoa muito convencida de que está a ouvir uns grandes cantores e o que ouve são umas verdadeiras fanecas...

(A imagem era razoável, ainda que eu me insurgisse um pouco contra esta falta de consideração para com a dignidade das fanecas).

NOTAS & ECOS

DA RIBALTA

Estamos na época de Verão, o que quer dizer que o Teatro é coisa que não pode afligir os cinéfilos e os malucos da bola. Aqui, no Porto, é assim: chega o Verão, chega o defeso.

Para amenizar têm continuado a aparecer, por aí, as companhias de amadores... que têm tido um lindo enterro, benza-as Deus!...

Mas quem vos manda a vocês serem mais «pieristas» do que o Piero? Pois se este não se atreve a pôr cá nada, porque razão é que vocês querem armar em espertos?!... Por filantropia cénica?! Talvez! Realmente, quando outro dia ouvi o noticiário da Emissora Nacional e o locutor disse, quando chegou aos «Espectáculos para hoje»:

— «Teatros: Sá da Bandeira, «O Gaiato de Lisboa»,

senti cá dentro uma imensa gratidão por esses amadores, que preencheram uma inevitável lacuna. Se não fossem eles, no Porto, na segunda cidade de uma Nação, o locutor duma estação oficial teria de dizer:

— «Teatros: não há!»
E' triste!...

Villaret, o rotundo Villaret, cujo físico «pede meças» aos talentos, deu dois inesquecíveis recitais de poesia no Teatro Sá da Bandeira. Um espectáculo inteirinho preenchido por uma só pessoa e sem ponto, é qualquer coisa de notável e afirma um grande poder de memória do personagem. Pois tal facto causou tanta admiração que, ao meu lado, dizia um cavalleiro a outro:

— «Eis um homem a quem não se deve pedir dinheiro emprestado...».

— «Porquê?».

— «Porque nunca mais se esquece!...».

FACTOS FEITOS

S. JOÃO!... Festas da Cidade!... Por todos os lados a alegria é imensa. Ruas engalanadas, foguetes que sobem, com tanta facilidade que até fazem inveja a um funcionário fora do quadro, bombas que estalam ao peso dos «elétricos», muito próprias para condutores e guarda-freios cardíacos, mangericos com mais cheiro do que a carne congelada, balões com mais gás do que o vinho da fábrica do Bonjardim, alegria, muita alegria!...

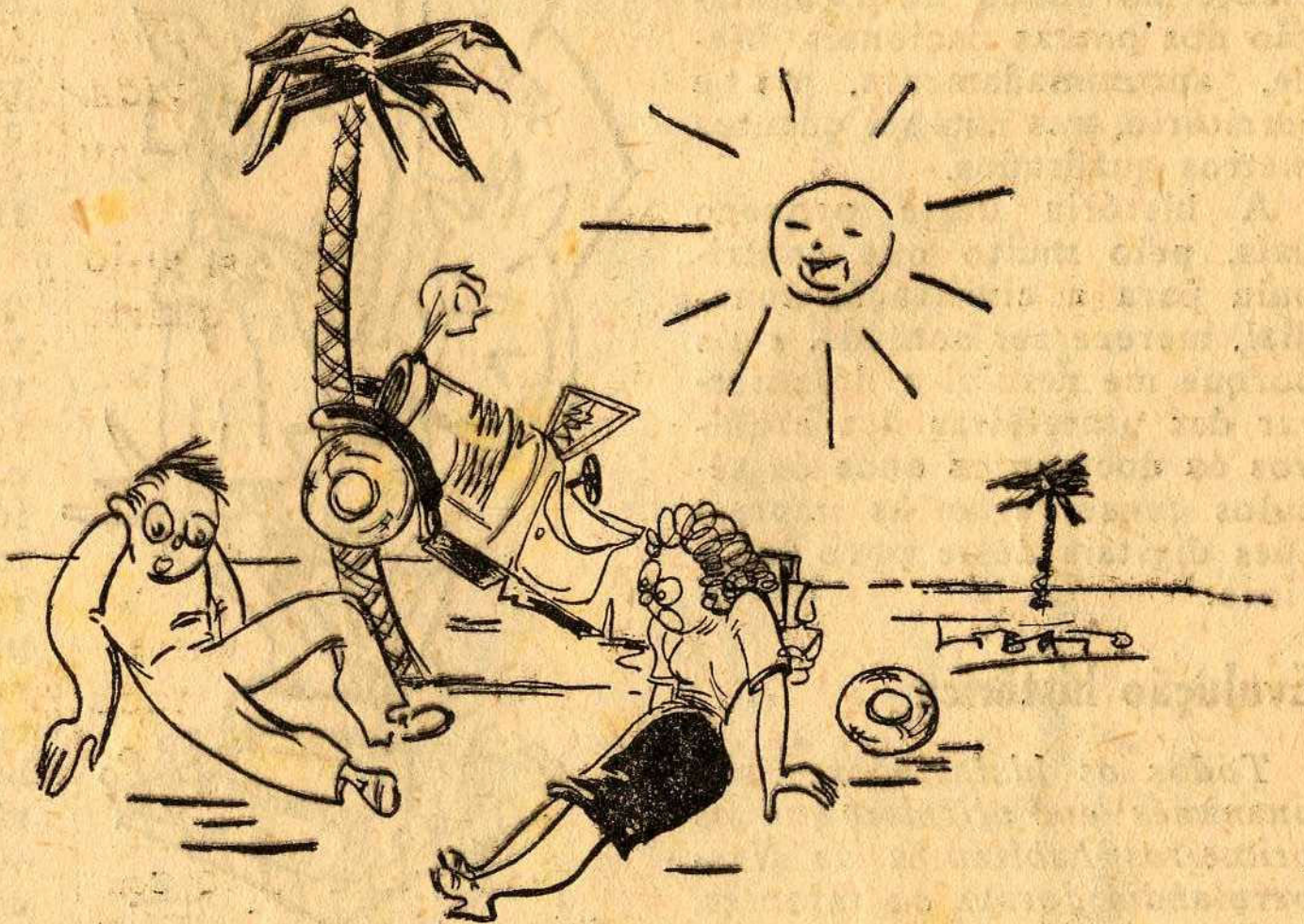
Tal é o panorama actual da Cidade Invicta! O pior é depois... Quando se voltar á realidade, ao «lufa-lufa» diário!... Ai! Quem me dera ser penhorista...

Na Praça da Liberdade, após a Feira do Livro, o cavalo de D. Pedro decidiu montar a Feira do Vinho. Pelos vistos este comerciante não é lá muito forte com os negócios!... Têm lá estado tantos e tam variados, que já não têm conta. Vamos lá a ver se com este sempre consegue ganhar o suficiente para mandar lavar o verdete da garupa.

★

Como esta Feira está incorporada nas festas dedicadas a S. João Baptista, este alegre canonizado decidiu, quando da sua construção, baptizar o sublime nectar, enviando de Lá do Cima umas chuvadas muito razoáveis. Oh, a mania das imensões!...

EDURISA, FILHO



— Eu bem te dizia que não era uma miragem!...

A carta de amor

(Continuação da 7.^a pág.)
tens feito? Tens-te divertido muito? Oh! demais tenho eu a certeza, não obstante o que me dizes, de que te divertes longe de mim! E isso entristece-me, irrita-me...

Aproveitando a pequenina cena de ciúmes que lhe ocorrera, havia atingido o fundo da segunda página.

Em presença da página terceira tornou a perder a coragem. E arrependeu-se de ter apertado tanto as linhas, se bem que, pelo contrário, as houvesse espaçado bastante.

Ainda sobre o tema do ciúme tentou algumas reflexões:

E' que nem tu imaginas! a ideia de que poderá amar outro faz-me perder a cabeça!...

Pousou a pena e pôs-se a olhar para o mar. Mas o mar tem mais que fazer do que fornecer assuntos às pessoas que escrevem cartas. Bem bastam, para o ocupar, as horas rigorosamente certas das marés... Neste momento assomou á porta do Casino o Carlos Tony, com o seu esplêndido boné de automobilista que costumava pôr para jogar o bilhar. Boné que tinha, aliás, a sua razão de ser. E' que Carlos Tony já havia três anos que vinha adiando a compra dum automóvel, o qual de ano para ano aumentava o numero de cavalos.

Adolfo e Carlos jogavam o bilhar todos os dias. Cada um deles estava convencido de que o jogava melhor que o outro.

Vendo chegar o seu camarada de praia, Adolfo lamentou sinceramente não ter ainda terminado a carta. Tony sentou-se á mesma mesa:

— Está a escrever?

— Estou — respondeu

Adolfo. — Mas tenho tempo.

— Acabe, acabe! Jogamos depois.

Mais valia, efectivamente, acabar com aquilo e ficar livre de preocupações durante o jogo.

Então Adolfo, com afinco, inclinou-se sobre o papel. Não lhe saía da cabeça a partida da véspera, que ganhara ao outro por doze pontos. Naquele dia, havia de ser por vinte e quatro!

Como visse que ele não escrevia, Tony julgou-se autorizado a dirigir-lhe a palavra:

— Já sabe do desastre desta manhã, na costa, perto de Sourdeval? Um barco cheio de gente que andava de passeio, voltou-se... E lá morreu um pobre rapaz de vinte e dois anos!...

— Não, disse Adolfo, não sabia...

E desatou a escrever, encantado:

Imagina tu, minha adorada, que está aqui toda a gente inconsolável devido a um desastre que se deu. Em Sourdeval, muito próximo daqui, voltou-se esta manhã um barco com pessoas que andavam passeando no mar. Desapareceu um homem. Um rapaz de vinte e dois anos! Logo me vieram á ideia as tuas excursões pelas montanhas. Não arrisques a tua vida. Lembra-te do que seria eu sem ti.

E assim por diante, ei-lo chegado ao fim da quarta página, a pontos de ter sido já na margem do papel que lhe mandou muitos beijos, beijos ternos, beijos apaixonados, — como se essas quatro páginas não bastassem para exprimir tudo quanto trazia lá dentro, no coração...

(Condensado do livro: «O Congresso que Sorri», de César Frias).

TROCA DE LINGUAS

(Continuação da 3.^a pág.)

Até que, uma manhã, Richard, num rasgo de inteligência pensou que, se partisse para Inglaterra e estudasse durante alguns anos a língua da sua noiva, poder-lhe-ia fazer uma grande surpresa e voltar, então, a França, para casarem, finalmente.

Foi logo ter com um tradutor seu amigo, e pediu-lhe para escrever uma carta a Mary, onde dizia que tinha necessidade de ir, por alguns anos, para o estrangeiro, para grangear fortuna e então unirem-se para sempre.

A inglesa leu, com as lágrimas nos olhos, a ideia do seu mais que tudo, e aquiesceu, por fim.

Richard partiu para Londres, onde se matriculou numa boa escola, com a intenção de aprender bem o inglês. Durante meses e meses, de dia e de noite, não fazia outra coisa senão consultar alfarrábios ingleses e estudar, afinadamente, a língua da sua mulher, para quando um dia chegasse a Paris, lhe dizer, maviosamente, «to-morrow you will be my wife... Kiss me my dear!» (amanhã serás minha mulher... beija-me, querida!).

Passou-se um ano, dois, três e mais. Notícias mandava-as, uma vez por outra, e oralmente, por intermédio dum amigo embarcado.

Richard, do francês nunca mais falara uma palavra; nem queria tentar se ainda o sabia, e para quê?

Ele estava uma perfeita barra no inglês: falava pelos cotovelos. Adoptara até o sistema de ir, de manhã, para o mercado, ouvir a lenga-lenga das mulheres e os calões dos

vendedores ambulantes, para saber de tudo um pouco.

E então um belo dia resolveu voltar; tinham-se passado oito longos anos!

... ..
 Chegou a Paris numa manhã de sol, olhou a Torre Eiffel e parecia que nem sequer alguma vez a vira; muita gente passava junto dele, falando alegremente, mas o nosso Richard chegou á conclusão que já não sabia francês!

Subiu a casa de seus pais, onde ficara o «caramelo», e entrou de repelão pelo escritório: á secretária, a sua querida observava uma revista francesa. Ela quase desmaiou e ele, muito agarrado a ela, esteve cinco minutos sem abrir a boca. Os corações subiam e desciam como o elevador do Lavra!

Nem cabendo em si, desatou a falar inglês a torto e á direito:

— My dear... Y love you... you don't speak? (minha querida... amo-te... não falas?).

Mas Mary olhava para ele sem o compreender, o que o fez pensar, por momentos, que estava a falar o inglês muito mal.

Ele não compreendia aquela indecisão da noiva, até que ela, caindo do silêncio, gritou uma duzia de palavras em francês.

Estava tudo explicado: enquanto ele partira para lhe fazer a surpresa de um dia falar a língua dela, Mary, por sua vez, ficara em França e dedicara-se, profundamente, ao idioma do seu Richard: e ambos tinham esquecido, para cumulo da infelicidade, a sua verdadeira língua!

Fernando dos Santos

BOLETIM DO CONCURSO:

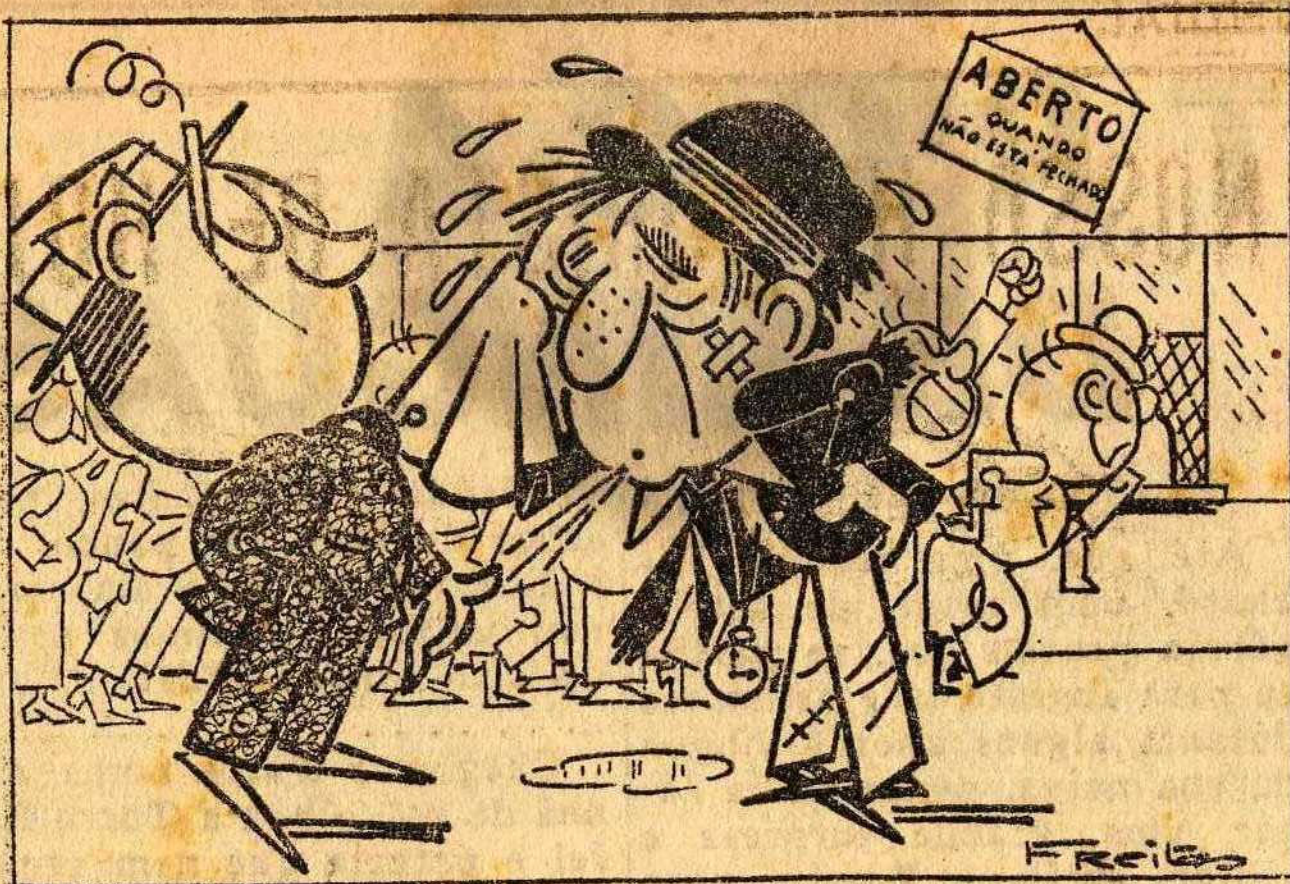
«HÁ HORAS FELIZES!»

Nome:

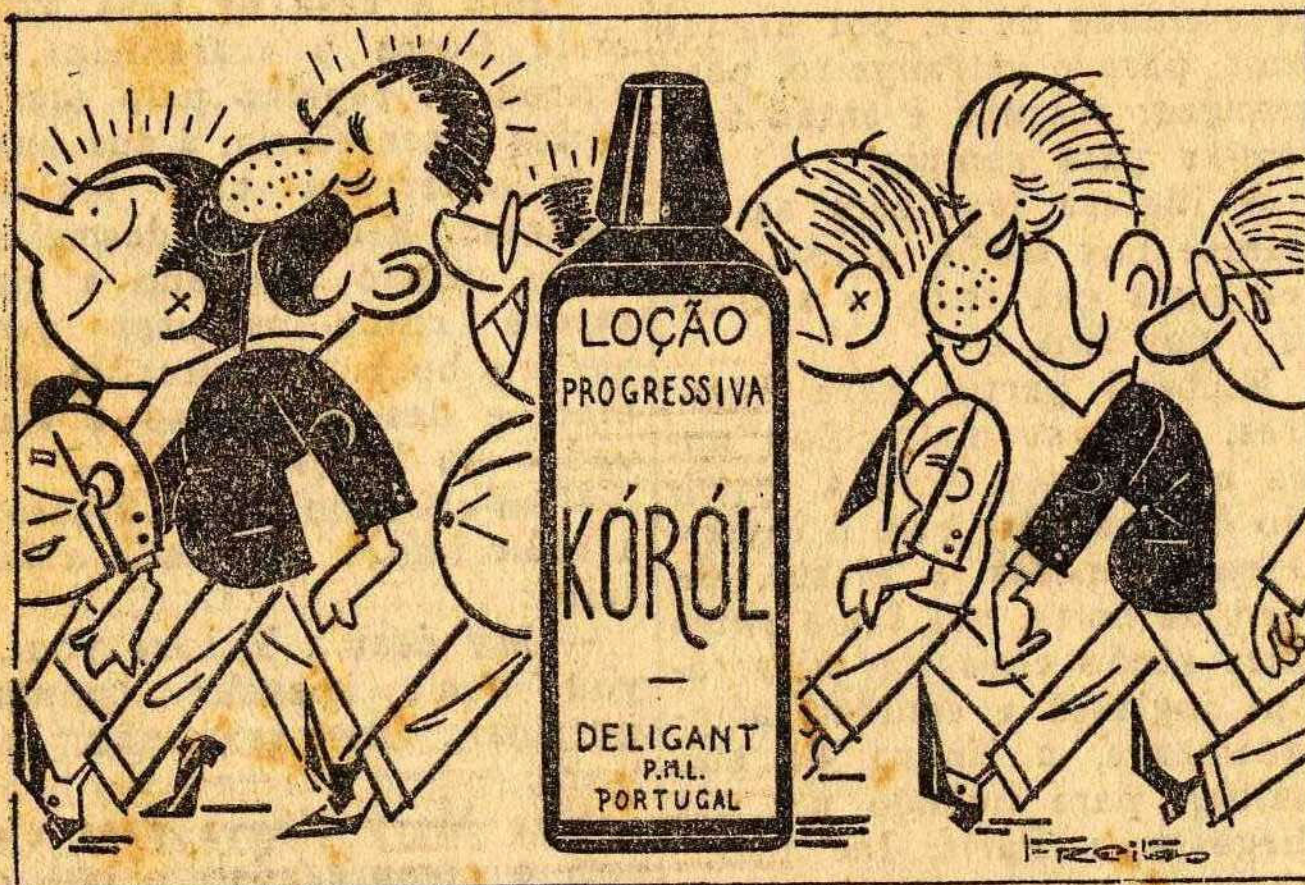
Morada:

5 - 7

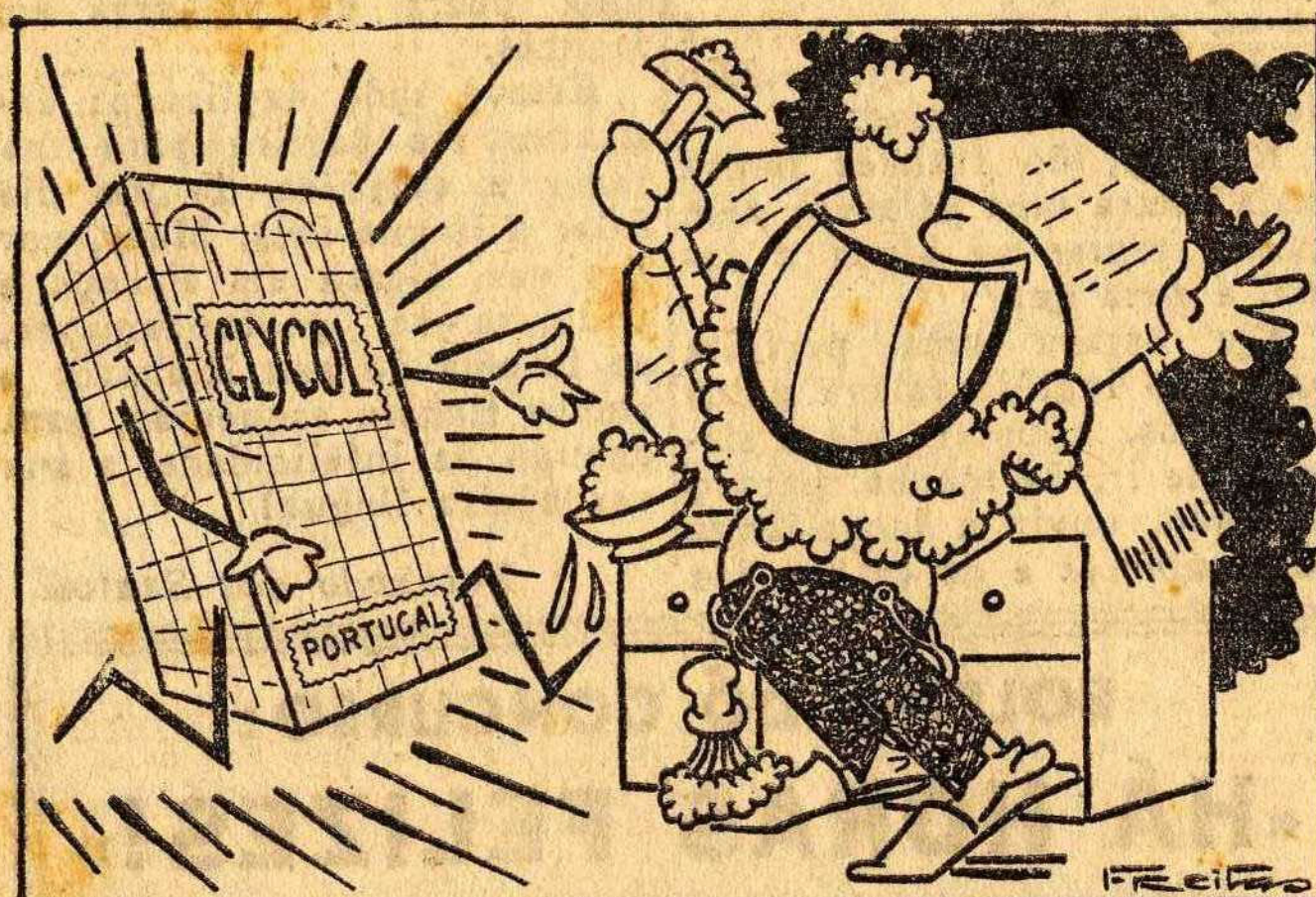
Preencher, recortar e enviar á redacção.



Não se preocupe com as contribuições e licenças...
Vá à Agência de Representações CERCEL, LDA., R. Rodrigues Sampaio, 78, 2.º - Lisboa, que se encarregará de as pagar.



Não erie mais cabelos brancos por causa dos seus cabelos brancos!...
Dê-lhes a sua cor natural, usando KÓRÓL, um produto das PERFUMARIAS MIMOSA e ROSA D'OURO na Rua Aurea.



— Enfim... Posso fazer a barba! Já chegou o «GLYCOL» — o ideal da pele.

AO ANUNCIANTE QUE DURANTE SEIS NÚMEROS CAIR MAIS VEZES EM ANUNCIAR NESTA PÁGINA, PARA CASTIGO OFERECEMOS-LHE MEIA PÁGINA COM A AGRAVANTE DE FICAR CONHECIDO COMO A MAIOR VÍTIMA QUE CAIU NAS NOSSAS MÃOS

AS VITIMAS DA SEMANA



— A grande categoria deste fogão a gás até faz desmaiar a filha daquela santa!



— Venha mais água do Castelo! Esta é a garrafa que domina as mesas de todas as esplanadas do país!



— Irra!... Porque não há lampadas «Philips» cá em casa?